

BLUMENAU

em Cadernos

Blumenau 150 Anos
1850 - 2000

FUNDAÇÃO
CULTURAL
NÚMERO 100

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

BLUMENAU
em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Igreja do Espírito Santo

Igreja Centro da Comunidade Evangélica

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig,

Cristina Ferreira, Ivo Marcos Theis,

Méri Frötscher, Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Vitor Alexandre da Cruz

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

O desenvolvimento da agricultura	07
Variações sobre a população teuto-brasileira do Vale do Itajaí <i>Paulo Malta Ferraz</i>	16
Quinhentos mil cruzeiros para início das obras de defesa da margem do rio Itajaí-Açu, nesta cidade	28
Cinquenta anos de cinematografia	30
Memórias de Bernardo Wolfgang Werner	33
O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau 1850 – 1880 (Parte 2) <i>Anselmo Antônio Hillesheim</i>	40
Os professores da “Escola Alemã” de Rio da Luz Victoria <i>Rosane Welk</i>	49
A juventude dos anos 30 <i>Grete Medeiros</i>	58
Raridades / Filosofia / Um serrano se autobiografa <i>Enéas Athanázio</i>	62

**Documentos
Originais -
Artigos**

**O desenvol-
vimento da
agricultura
em Blumenau**

TEXTO:

**RICHARD
HINSCH**

Richard Hinsch, familiarizado com as questões agrárias, devido às atividades que exercia como diretor da Estação agropecuária do Salto Weissbach, escreveu, há exatamente 100 anos atrás, um artigo orientando os colonos a respeito dos procedimentos adequados para o aproveitamento ideal do solo e as atividades de preparo da terra.

O texto foi publicado no *Der Urwaldsbote Kalender für die Deutschen in Südbrasilien*, editado em 1900, pelo Pastor Faulhaber, por ocasião do cinquentenário de fundação da cidade.



Derrubada da Mata

Die Entwicklung der Landwirtschaft in Blumenau

Als vor fünfzig Jahren die ersten Kolonisten ihren stillen Einzug in Blumenau hielten, fanden sie nichts als endlosen Urwald vor. Da hieß es zunächst mit Foiga und Axi Raum schaffen. Der Wald wurde niedergeschlagen und das oberflächlich von der Sonne getrocknete Holz und Gestrüpp in Brand gesteckt. Die großen Stämme und die Stücken der gefällten Baumriesen läßt das Feuer in der Regel unverehrt. Ihre Gegenwart stört auch die Kolonisten keineswegs. Solch ein durch Axi und Feuer ver-nichtetes Stück Urwald macht nun freilich durchaus keinen idyllischen oder poetisch stimmenden Eindruck. Es ist der denkbar trostloseste Anblick, den die durcheinander und übereinander liegenden, vom Feuer auch geschwärzten Stämme gewähren. Am Rande des Urwalds hat das Feuer die nächststehenden Bäume versengt, und mit brau-nen, verdorrten Blättern trauern sie über die angerichtete Verwüstung. Hier und da ist ein bereits vor dem Waldschlag abgestorbener Baum in der Mitte des freien Raumes stehen geblieben und reckt seine kahlen Äste phantastisch in die Lüfte.

Solch ein Stück Land nennt der Ansiedler Roga; der Name ist aus dem Bra-

silianischen übernommen. Nach dem Brennen muß die Roga geräumt werden. Bei jedem Waldbrande pflegen auch kleinere Stämme und Äste vom Feuer verschont zu bleiben; diese wirft man auf Haufen und steckt sie nochmals an. Alsdann kann die Arbeit des Pflanzens beginnen. Eine vorhergehende Bearbeitung des Bodens ist nicht erforderlich, denn der Urwaldboden ist stets sehr locker und porös und wird auch durch die jetzt allmählich verfallenden Baumwurzeln reichlich gedüngt. Das Pflanzen geschieht mit der Hacke, welche überhaupt das einzige Bodenbearbeitungs-Instrument ist, das der neue Ansiedler benutzt und benutzen kann. Mit diesem Uni-versal-Instrument werden Löcher in den Boden gehackt, wobei man alle Augenblicke über die auf dem Boden liegenden oder übereinander gestürzten Baumstämme hinweg volligieren muß. In die Löcher werden die Samen oder Stecklinge der üblichen Kul-turgewächse geworfen; dann werden sie zugeschart. Meist geschieht dies mit dem Fuße, während die Hände beschäftigt sind, das nächste Loch zu bepflanzen. Da man hier stets barfuß geht, ist die Methode auch bequem und vor allem arbeitförmig. Die junge Pflanzung wird bis zur Ernte ein bis zweimal mit der Hacke vom Unkraut gerei-nigt. Nach der Ernte wird der Boden abermals gesäubert und ihm sofort eine neue Pflanzung anvertraut. In dieser Weise fährt man fort, bis der Anbau nicht mehr lohnend erscheint, um dann eine neue Roga zu schlagen. Die alte bleibt als Brache liegen und entwickelt in erstaunlich kurzer Zeit einen neuen Waldwuchs, Capocira genannt, die nach einigen Jahren abermals in Roga verwandelt wird. Eine solche Ca-pocira-Roga ist aber nie so fruchtbar, wie eine Urwald-Roga. Nach der dritten bis vierten Brache ist der Boden meist so erschöpft, daß er neuen Waldwuchs nicht mehr hervorbringen vermag und auf dem einst unerschöpflich scheinenden Acker nur noch kümmerliches Unkraut gedeiht.

Die eben geschilderte Roga-Wirtschaft, wie sie neue Ansiedler hier stets trei-ben und nach Lage der wirtschaftlichen Verhältnisse auch treiben müssen, ist die

O desenvolvimento da agricultura em Blumenau

Há cinquenta anos atrás, quando os primeiros colonos ingressaram tranquilamente em Blumenau, não encontraram à sua frente nada mais do que uma infinita mata virgem. Primeiramente foi preciso abrir espaço com foice e machado. A mata foi derrubada e a lenha e matagal superficialmente secos pelo sol foram queimados. De modo geral, o fogo deixa os troncos e os tocos ílesos, contudo, os mesmos não representam nenhum estorvo aos colonos. Certamente, um pedaço de mata destruído por machado e fogo não causa uma impressão poética, nem tampouco idílica. Os troncos amontoados e enegrecidos pela fumaça oferecem uma visão desoladora. As árvores mais próximas às margens da mata, com suas folhas marrons, ressecadas e sapecadas pelo fogo, guardam luto pela devastação cometida. Aqui e acolá, em meio a algum vão livre sobra uma árvore que já estava morta antes do desmatamento, esticando espantosamente seus galhos desfolhados em direção ao céu.

Essa terra os colonos denominavam de "roça", nome tirado do vocabulário brasileiro. Após a queimada, a roça precisa ser limpa, sendo assim, os troncos e os tocos poupados pelo fogo são amontoados e incendiados novamente. A seguir, o trabalho de plantio pode iniciar, não havendo necessidade de preparar o solo, pois o mesmo é sempre fofo e poroso, ficando adubado aos poucos pelo apodrecimento gradativo das raízes. O plantio é feito através da enxada, único instrumento disponível ao colono para cultivar o solo. Com este instrumento universal cavam-se sulcos no solo, sendo necessário, a cada instante, fazer manobras sobre os troncos acumulados. As sementes ou mudas de cultivo habitual são lançadas nos sulcos e os mesmos, cobertos com os pés, pois as mãos se ocupam com o próximo sulco. Como habitualmente aqui se anda descalço, esse método de plantio é cômodo, porém trabalhoso. Até a colheita, a nova plantação é capinada duas vezes e após a mesma, o solo é limpo novamente, recebendo imediatamente nova plantação. Procede-se dessa forma até que o plantio não valha mais a pena, iniciando-se então uma nova roça, enquanto a antiga permanece em repouso e transforma-se rapidamente em uma nova floresta, recebendo a denominação de capoeira, sendo usada novamente após alguns anos. Porém, uma roça de capoeira jamais é tão fértil quanto uma de mata virgem. Após o terreno permanecer em repouso, durante três a quatro períodos, o solo que outrora parecia inesgotável fica tão improdutivo, que apenas crescem ervas daninhas.

Devido às circunstâncias, os colonos recém-chegados são obrigados a praticar a cultura exaustiva, sendo este o método mais primitivo de agricultura. A abundância de terras e seu preço baixo permitem aos colonos se darem a esse luxo. O leitor europeu, conhecendo apenas seu método de cultivo do solo, ao ouvir as

primitivste aller Bodenbewirtschaftungs-Methoden und der denkbar größte Raubbau. Der Ueberfluß und die Billigkeit von Grund und Boden gestatten dem Kolonisten diesen Luxus. Der europäische Leser, der nur seine Landbaumethode kennt, denkt bei den Worten Raubbau, Fruchtbarkeit und Billigkeit des Bodens unwillkürlich, daß derartige Kolonisten nun in kurzer Zeit steinreich werden müßten. Trotzdem erübrigen sie für gewöhnlich nur wenig mehr, als ein deutscher Bauer auch, obwohl dieser keinen Raubbau treibt und auch Grund und Boden teuer bezahlen muß. Verschiedene Umstände erklären dies. Zunächst die primitive Wirtschaftsmethode: alle Arbeit ist Handarbeit. Pflüge oder irgendwelche sonstigen Maschinen sind der Stücken und Stämme wegen in der Roça nicht verwendbar. Wollte nun aber gar jemand versuchen, die Stücken zu roden und die Stämme fortzuschaffen, so würde ihm die Urbarmachung so enorme Kosten verursachen, daß sie selbst durch die besten Ernten kaum je gedeckt werden könnten. Ferner kann der europäische Bauer größere Ackerflächen unter Kultur halten, als er mit seiner Handarbeit allein zu bestellen vermag: er hält sich Knechte und Mägde, da der auf diese Weise erzielte Mehrertrag nicht nur die Löhne deckt, sondern auch einen Ueberschuß garantiert. In Blumenau ist dies anders. Die hier geforderten Arbeitslöhne sind so hohe, daß ein landwirtschaftlicher Betrieb mit fremden Kräften absolut unrentabel wird. Jeder baut also nur soviel, als er im Verein mit seiner Familie zu bewältigen vermag. Außerdem noch ist das Angebot an Arbeitskräften ein äußerst minimales, weil eben jeder lieber als eigener Herr auf der leicht zu erwerbenden Kolonie sitzt, als sich bei anderen verdingt. Zu großem Reichtum kommt hier also so leicht kein Kolonist; aber in behäbiger Wohlhabenheit leben alle.

Diese Roçakultur, wie sie im Vorstehenden beschrieben wurde, ist ursprünglich von allen Einwanderern in Blumenau betrieben worden. Erst die letzten zwei Jahrzehnte haben eine Aenderung hervorgebracht. Man begann in größerem Maßstabe die Produkte unserer Landwirtschaft nach São Paulo und Rio de Janeiro zu exportieren. Da die Frachtspesen dorthin ziemlich hohe sind, so rentierte naturgemäß am besten der Export solcher Erzeugnisse, die in kleinem Raum relativ große Werte repräsentieren, d. h. Butter und Schmalz, während Mais, Bohnen, u. a. die hohen Frachtspesen nur schwer zu ertragen vermochten. Infolgedessen hat sich der Landbauer mehr und mehr auf Milchwirtschaft und Schweinezucht geworfen, deren Produkte schon seit Jahren so reißenden Absatz finden, daß sie barem Gelde gleichzuachten sind. Heute bebaut der vernünftige Kolonist seine Roça nicht mehr so lange, bis sie ertragungsfähig geworden ist, sondern er bringt eine, höchstens zwei Pflanzungen hinein, um sie dann in Kunstweide zu verwandeln, denn Viehwirtschaft ist hier identisch mit Weidewirtschaft. Eine solche Kunstweide wird hergestellt, indem der Kolonist die verschiedensten, meist queckenartigen Grassorten – Gramineen, brasilianisch Gramma, daher alle gemeinhin mit dem Namen Gramme belegt – zwischen seine Pflanzung in der Roça einhackt. Die Gramme überrankt bald die ganze Fläche und bildet einen für Unkraut fast undurchdringlichen Teppich. Nur im Anfang ist es

palavras cultura exaustiva, fertilidade e baixo preço das terras, pensava involuntariamente que os colonos de Blumenau enriqueciam em pouco tempo. Normalmente eles não lucram muito mais do que um agricultor alemão, que não pratica a cultura exaustiva e precisa pagar caro por uma propriedade. Diversas razões explicam isto: Primeiramente a condição que se refere ao método primitivo de cultivo, pois todo o trabalho é manual. Devido aos troncos e tocos, arados ou qualquer outro tipo de máquinas não podem ser empregados no trabalho da roça, pois nem mesmo as melhores colheitas cobririam os elevados custos de alguém que quisesse cultivar sua terra, livrando-a dos troncos e tocos. Na Europa, entretanto, mesmo manualmente o agricultor pode cultivar áreas maiores, pois mantém empregados e sua receita permite cobrir o salário dos mesmos, além de garantir objetivamente um lucro excedente. Em Blumenau, isto é diferente: os salários exigidos pela mão-de-obra de estranhos são tão elevados, que tornam um empreendimento agrícola pouco lucrativo. Cada colono cultiva apenas a quantidade que pode administrar com sua família. Além do mais, a oferta de mão-de-obra é mínima, porque para instalar-se nas colônias, de fácil aquisição, a maioria prefere ser proprietário ao invés de trabalhar como contratado. Portanto, o colono não consegue ficar rico tão facilmente, porém, todos vivem confortavelmente em prosperidade.

O já mencionado cultivo da roça foi praticado em Blumenau por todos os imigrantes e somente nas últimas duas décadas apresentou uma mudança. Os produtos da nossa agricultura começaram a ser exportados em maior escala para São Paulo e Rio de Janeiro. Como as despesas de transporte são elevadas, a exploração de produtos como a manteiga, a banha, etc., que representam valores maiores, rendia mais, enquanto o milho, feijão, etc., dificilmente suportam os altos custos de transporte. Conseqüentemente, os lavradores têm-se dedicado cada vez mais à produção de leite e à criação de porcos, cujos produtos, há anos são rapidamente vendidos, pois são equiparados a dinheiro vivo. Atualmente, o colono sensato não cultiva mais sua roça até que ela se torne improdutiva, realizando no máximo duas colheitas, para posteriormente transformá-la em pastagem artificial, pois aqui a criação de gado é idêntica à criação de pastagem. O colono produz esta pastagem artificial cobrindo o solo com as mais diversas espécies gramíneas, denominadas de "grama" em português. Suas raízes espalham-se rapidamente sobre toda a superfície, formando um tapete, onde as ervas daninhas dificilmente conseguem penetrar. Apenas no início do plantio faz-se necessário limpar a grama, posteriormente, basta passar o alfanje. Esse tipo de pastagem (pasto, para os brasileiros e, por isso, comumente denominado "past" pelos alemães) cultivada sobre terreno fértil, alimenta continuamente o melhor gado leiteiro e, na hora da ordenha, o colono apenas precisa dar um punhado de trato à vaca para que a mesma fique quieta, não precisando se preocupar com a alimentação, pois seu gado encontra o suficiente no pasto. (Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC)

erforderlich, hier und dort Unkraut zu jäten, später genügt ein leichtes Putzen mit der Sense. Eine solch auf nicht ausgeraubtem Lande angelegte Weide (brasilianisch *pasto*, deshalb von den Deutschen gewöhnlich *Past* genannt) ernährt andauernd das beste Milchvieh. Der Kolonist hat nur nötig, zur Melkzeit der gerade zu melkenden Kuh eine Hand voll Futter zu geben, damit sie ruhiger steht; im übrigen kümmert er sich um ihre Nahrung nicht, die findet sie zur Genüge auf der Weide. Werden dagegen *Pastos* auf ausgeraubtem Land angelegt; so genügen diese zur Ernährung von Milchvieh nicht; in diesem Falle ist erhebliches Zufutter nötig.

Ställe in europäischem Sinne sind hier auch überflüssig. Man baut nur einen einfachen Schuppen hin, als Unterstand für das Vieh bei Regenwetter und um im Trockenen melken zu können, wenn der Himmel ungnädig ist. Ein paar Holzständer mit einem Dach aus Palmblättern – alles das liefert der Urwald – hat der Anfänger rasch gezimmert. Der ältere Kolonist, der schon etwas vor sich gebracht hat, mauert sich auch wohl die Ständer aus Backsteinen und deckt ein Dach mit Ziegeln darüber. Wie einfach ein solcher Schuppen auch gebaut ist, er genügt für alle Jahreszeiten.

Bei den älteren Kolonisten ist die Viehwirtschaft bereits so ausschließlicher Erwerbszweig geworden, daß wir, obgleich Blumenau eine rein ackerbautreibende Kolonie ist, in den letzten Jahren regelmäßig Produkte der Landwirtschaft, wie Mais (unser hiesiges Brotgetreide) und *Farinha* (Mehl aus der *Mandiocawurzel*) von auswärts per Schiff beziehen mußten. Nicht als ob in Blumenau nicht überreichlich davon vorhanden gewesen wäre; aber die Bauern standen sich besser, diese Produkte in ihre Schweine zu verfüttern, als sie zum Verkauf zu bringen. Aus dieser Entwicklungsrichtung erklärt sich auch der am Stadtplatz Blumenau häufige auffällige Mangel an den gebräuchlichsten Nahrungsmitteln, mitten zwischen einer landbautreibenden Bevölkerung. Kartoffeln, *Aipim* u. a. sind nur in den seltensten Fällen käuflich zu haben.

Die Blumenauer Milchwirtschaft bildet die erste Etappe auf dem Wege von dem rücksichtslosesten Raubbau zu einer geordneten, das Land mehr schonenden Wirtschaft. Vom intensiv betriebenen Landbau sind wir allerdings noch himmelweit entfernt. Bei einer Minderheit der Kolonisten findet sich seit einer Reihe von Jahren als weitere Fortentwicklung die Pflugkultur. Doch verdient hervorgehoben zu werden, daß dies meist nur solche Kolonisten sind, welche Flußschlemmland in ihrem Besitze haben, also namentlich die Bewohner der Thäler der *Itoupava*, des *Testo*, des *Beneditto*. Einmal sind diese Thäler an sich von ausgiebigster Fruchtbarkeit, weil sie eben aus Schlemmland bestehen, und dann bringen diese Flüsse periodisch Hochwasser und erweisen dadurch den Anwohnern den Gefallen, ihnen die Felder gratis zu düngen. Die übrigen Kolonisten, welche auf hügeligem oder bergigem Terrain sitzen, sind vielfach von der Pflugkultur, soweit sie dieselbe begonnen hatten, wieder zurückgekommen. Sie machten bald die Erfahrung, daß sie unverhältnismäßig große Mengen Dung gebrauchten, um ihr Stück Pflugland in guter Ertragsfähigkeit zu erhalten, sodaß es ihnen nicht rentierte, bei dieser Bodenbewirtschaftungs-Methode zu bleiben. Zwei Gründe sind für diese eigenartige Erscheinung maßgebend: die tropische Sonne und die tropischen Gewittergüsse. Erstere ist der Erhaltung größerer

terra esgotada, que não produz alimento suficiente para o gado leiteiro e então o colono precisa complementá-la.

Aqui, estrebarias nos padrões alemães são supérfluas. Constrói-se apenas um rancho simples para abrigar o gado e ordenhá-lo quando chove. Os recém-chegados constroem ranchos rapidamente, pois bastam alguns pilares de madeira e folhas de palmito para a cobertura, material encontrado na mata virgem. Os colonos mais antigos, cuja situação é estável, constroem os pilares com tijolos e cobrem seu rancho com telhas. Por mais simples que seja um rancho construído, ele servirá para todas as estações do ano.

Apesar de Blumenau ser uma colônia estritamente agrícola, a criação de gado praticada pelos colonos mais antigos tornou-se um ramo industrial tão exclusivo, que nos últimos anos tivemos que importar produtos agrícolas, como o milho (cereal para o nosso pão) e a farinha (farinha da raiz da mandioca). Mesmo havendo abundância desses produtos em Blumenau, os colonos lucram mais dando-os aos porcos e outros animais do que vendendo-os. Devido a essa tendência, explica-se, entre a população de agricultores, a freqüente escassez de gêneros alimentícios consumidos no centro de Blumenau, pois raramente se encontram à venda batatas, aipim, etc..

A indústria leiteira de Blumenau representa a primeira etapa para a transformação da cultura exaustiva em cultivo ordenado, resultando na preservação do solo. Todavia ainda estamos distantes de praticarmos a cultura de forma intensiva. Há anos a prática do cultivo da terra através do arado encontra-se em franco desenvolvimento, porém, apenas entre uma minoria de colonos, particularmente aqueles que vivem nos vales da Itoupava, Testo e Benedito, possuem várzeas em suas propriedades. Esses vales são tão férteis por se constituírem de várzeas localizadas às margens dos rios, as quais são periodicamente adubadas por ocasião das cheias. Os demais colonos, assentados em terrenos acidentados, desistiram rapidamente do uso do arado. Então, notou-se logo a necessidade de empregar grandes quantidades de adubo para manter a fertilidade da terra arada, pois não valia a pena continuar o cultivo do solo através desse método. Dois motivos explicam esse fenômeno específico: o sol e as trovoadas tropicais. O sol prejudica a conservação de uma grande quantidade de húmus, o calor e a intensa umidade do ar tropical oxidam rapidamente os elementos do adubo e do húmus. Por isso, ao contrário do que os imigrantes europeus costumam imaginar, camadas profundadas de húmus nunca são encontradas nas matas virgens, onde sua espessura raramente ultrapassa alguns centímetros. A rápida consumação do húmus se dá através da absorção da exuberante vegetação, algo inimaginável para quem desconhece este fato. Menciono como segundo inimigo do cultivo pelo arado, os aguaceiros provocados pelas trovoadas tropicais que, parecem ribeirões correndo sobre a terra, levando todo o solo poroso vale abaixo, deixando para trás apenas a lama

Humusmengen feindlich; die Wärme im Verein mit der hohen tropischen Luftfeuchtigkeit oxydieren alle Dung- resp. Humusstoffe in kürzester Frist. Aus diesem Grunde findet man auch in den Urwäldern nie die metertiefen Humusschichten, von denen der europäische Einwanderer gewöhnlich geträumt hat. Die Humusschicht des Urwaldes übersteigt selten die Dicke von wenigen Centimetern. Das Kraftäquivalent für diese rasche Aufzehrung des Humus wird in dem üppigsten Wachstum geliefert, von dem sich derjenige, der es nicht gesehen hat, kaum eine Vorstellung machen kann. Als den zweiten Feind der Pflugkultur auf hügeligem Terrain in Blumenau nannte ich die tropischen Gewittergüsse: reißenden Bächen ähnlich ergießen sie sich über das Land und schwemmen allen lockeren Boden thalab, nur den unfruchtbaren Lehm auf den Hügeln und Bergen zurücklassend. Bei der Roçakultur ist dies nicht entfernt in dem Maße der Fall, da das dichte Geflecht der noch vom Waldwuchs her im Boden steckenden Wurzeln ein Abschleppen durch den Regen verhindert. Für die nächste Zeit wird daher die Pflugkultur in Blumenau auf die ebenen Flußniederungen beschränkt bleiben, doch ist es sicher, daß in späterer Zeit die ganze Kolonie zu dieser Landbau-Methode wird übergehen müssen. Es werden sich zweifellos Mittel und Wege finden lassen, die oben erwähnten Schwierigkeiten zu überwinden.

Die Verhältnisse bilden den Menschen und seinen Charakter. So haben auch die hiesigen Verhältnisse bestimmte Eigentümlichkeiten gezeitigt. Die Seßhaftigkeit, die Liebe zur Scholle, diese spezifisch deutsche Eigenschaft, findet man hier beim Kolonisten in ganz erheblich geringerem Maße vertreten, als beim Bauern in Deutschland. Es ist dies die Folge des ursprünglich ganz allgemeinen Raubbaues. Dem Landmann geht es mit seinem Grund und Boden, wie den Eltern mit ihren Kindern. Je mehr sie für dieselben thun und arbeiten müssen, um etwas ordentliches aus ihnen zu machen, desto größer wird die Liebe zu denselben. Der Bauer, der die von ihm bebaute Scholle mit vieler Mühe und Arbeit auf eine Höhere Kulturstufe gehoben hat, liebt dieselbe meist so, daß er sie im Alter unter keinen Umständen mehr verlassen mag. Das gerade Gegenteil kann man häufig in Blumenau beobachten. Alte Kolonisten, die schon Großvater geworden sind, verlassen leichten Herzens ihr früheres Besitztum, das verkauft oder auch einem Sohne überlassen wurde, und siedeln sich irgendwo im Urwald neu an. Der Boden ist für sie nur in soweit ein Gegenstand der Schätzung, als er sich mit Vorteil berauben läßt; die schaffen und bauen nichts darauf, das bleibenden Wert hat, an dessen Erhaltung sie interessiert sind, an dem sie mit Liebe hängen.

Mit der fortschreitenden Intensivierung der Landwirtschaft werden auch diese Verhältnisse sich ändern, wie sie sich in den ältesten Gegenden Blumenaus zum Teil schon geändert haben.

Richard Hinsch

improdutiva. Nem de longe ocorre o mesmo no cultivo da roça, pois o denso entrançamento de raízes da antiga vegetação que ainda permanece no solo, evita que a chuva carregue a camada fértil. Por esse motivo, em Blumenau o método de cultivo da terra com o arado se restringirá, por hora, às terras planas, próximas aos rios. Todavia, é certo que futuramente toda a colônia deva adotar esse método. Sem dúvida serão encontrados meios e caminhos para superar as dificuldades mencionadas.

As circunstâncias formam o ser humano e o seu caráter, portanto, as condições locais também têm mostrado determinadas particularidades. O estabelecimento do domicílio e o amor à terra, característica especificamente alemã, encontram-se representados entre os colonos daqui em proporção bem menor do que entre os colonos da Alemanha. Isto é uma consequência da cultura exaustiva. A mesma relação que existe entre o lavrador e sua propriedade, acontece entre pais e filhos. Quanto mais os pais fizerem pelos mesmos, trabalhando para que se tornem pessoas de bem, maior será o seu amor por eles. O agricultor que valorizou a sua terra cultivando-a com muito trabalho e dedicação, geralmente na velhice, sob hipótese alguma, pretende abandoná-la. O que se pode observar aqui em Blumenau é exatamente o contrário. Colonos mais velhos, já sendo avós, abandonam sua antiga propriedade com a maior facilidade, ou então passam-na para um filho, mudando-se novamente para outra qualquer na mata virgem. Para eles, o solo simplesmente é um objeto avaliável, cuja única vantagem é esgotá-lo. Esses colonos não constroem sobre o seu terreno nada que represente um valor permanente, não se interessando em conservá-lo, nem se apegando a ele com amor.

Com a intensificação progressiva da agricultura, certamente essas circunstâncias modificar-se-ão, como em parte já aconteceu nas regiões mais antigas de Blumenau.

Richard Hinsch

Variações sobre a população teu- to-brasileira do Vale do Itajaí*

TEXTO:

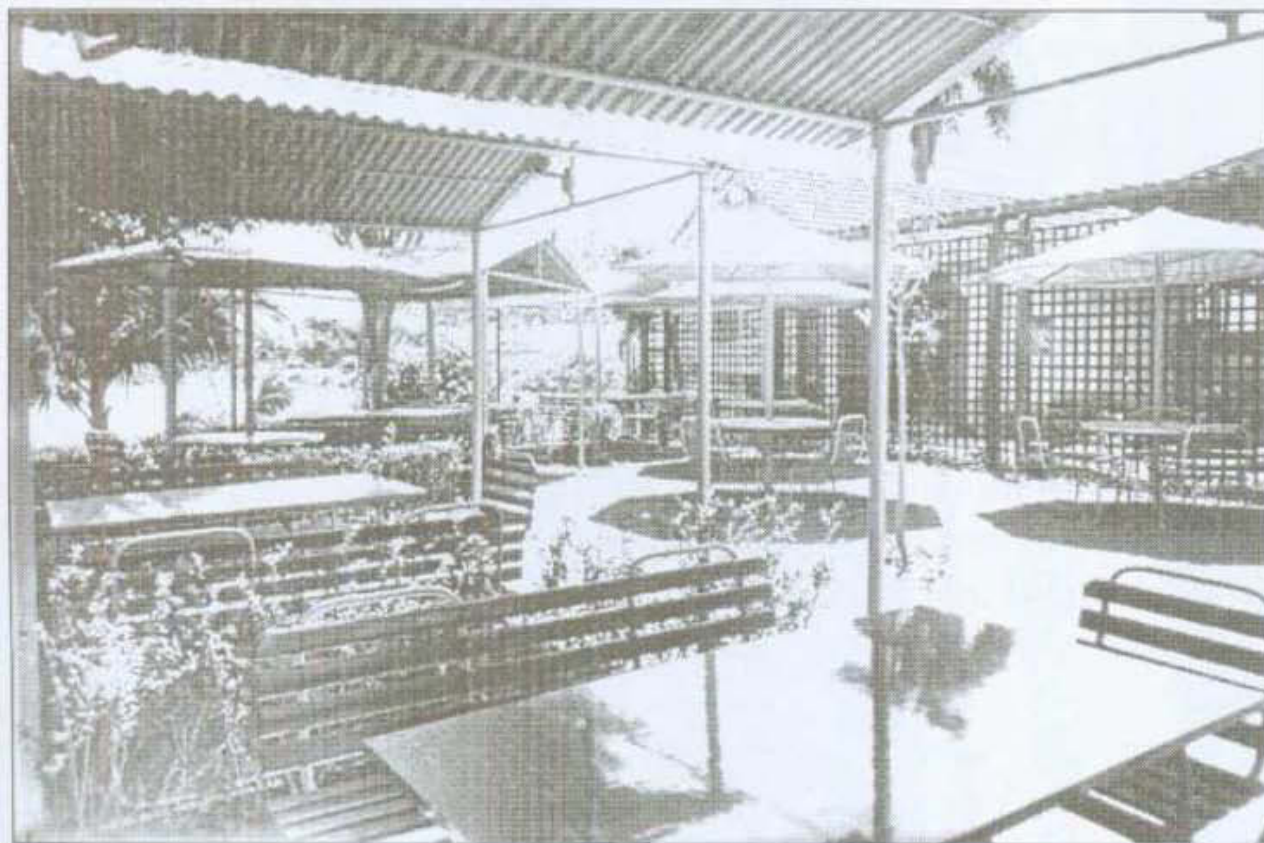
**PAULO MALTA
FERRAZ**

Esta é a Casa de Santa Catarina na cidade do Rio de Janeiro. Por efeito daquilo a que poderíamos chamar um imaginário princípio de extra-territorialidade sentimental, aqui nos encontramos em solo “barriga-verde”. Basta esta circunstância para justificar a minha grande alegria. A minha maior emoção é ministrar no já tradicional Curso de Assuntos Catarinenses deste ano, esta aula palestra sob o tema genérico da Colonização Alemã em Santa Catarina. É que nascido na terra das Alagoas, tive a ventura de iniciar a minha vida profissional e pública no Estado de Santa Catarina, levado pelas mãos amigas de dois dos seus mais ilustres filhos: Nereu Ramos e Altamiro Guimarães, a cuja memória rendo, neste instante, o preito da minha saudade, o tributo da minha gratidão. Foi ali, no Vale do Itajaí, que vivi os melhores anos de minha mocidade, ali nasceram meus dois filhos, ali aprendi a trabalhar. Sou, portanto, um catarinense adotivo, para sempre ligado, pelo espírito e pelo coração, ao povo generoso e à terra abençoada de Santa Catarina.

Intitulei esta Aula-Palestra “Variações sobre a população teuto-brasileira do Vale do Itajaí”, assunto que se situa com precisão no tema central do Curso de Assuntos Catarinenses correspondente a este ano. Mas, o objeto desta palestra merece prévia justificação. Quis trazer-vos, a par da ligeira apreciação histórica e sócio-cultural daquelas populações, o subsídio, posto que escasso, da minha observação pessoal durante a minha permanência naquele amorável Vale do Itajaí, por mais de um decênio.

* Aula-palestra proferida pelo Dr. Paulo Malta Ferraz, advogado e autor de várias obras relacionadas à colonização, no Centro Catarinense do Rio de Janeiro, em 23 de setembro de

Veza por outra, observadores apressados ou turistas inconseqüentes e jornalistas ávidos de escândalo, após ligeiro passeio pelas margens do Itajaí e seus afluentes, divulgam pela imprensa, através de reportagens sensacionalistas, a existência de “populações estrangeiras” ou “quistos” raciais naquela área brasileira e até o que toca às raias do ridículo, denunciam, em derrames patriotinheiros, um falso “Perigo Alemão” no Brasil!... Há os que se impressionam com o tipo físico dos colonos e seus descendentes, altos, claros, cabelos loiros e olhos azuis, marcas raciais que para os brasileiros de outras origens étnicas, representam o estereótipo do alemão, se bem, que como já acentuou Emílio Willems, “Grande parte do povo alemão não tinha nem olhos azuis, nem cabelos louros”¹, para falarem pejorativamente de “Brasileiros louros de olhos claros”, como se fosse possível em um país de tão ampla miscigenação como o nosso, falar-se de um tipo físico genuinamente brasileiro de pele, cabelo e olhos escuros. Há, ainda, os que com maior irreflexão se escandalizam e condenam violentamente a denominação dos estabelecimentos comerciais de uma comunidade teuto-brasileira típica tal como em Blumenau: Cine Busch, Con-



Confeitaria Socher – Rua 15 de Novembro

feitaria Socher, Merceria Kieckbusch, ou Casa Peiter², esquecidos de que estes são os sobrenomes dos proprietários teuto-brasileiros, os quais, obviamente, não se poderiam chamar Travales, Silva, Carvalho ou Pereira. Enfim, surgem



Casa Peiter – Rua 15 de Novembro

os que estranham e ardorosamente profligam o fato de naquela área, falar-se comum e corretamente a Língua Alemã, esquecidos do insulamento espacial e cultural em que decorreu a vida daquela população durante quase um século.

Somente a ignorância dos chamados processos sociológicos de aculturação e assimilação, bem como a falta de noções históricas sobre a colonização germânica no Brasil, notadamente a do Vale do Itajaí, explicam essas arremetidas infundadas e ofensivas dos brios de milhares de nossos patrícios de origem germânica.

É, pois, para estudar sob perspectivas justas e científicas a população teuto-brasileira do Vale do Itajaí que antecedemos as conclusões desta Aula - Palestra no que tange ao estágio atual do processo de assimilação da população teuto-brasileira do Vale do Itajaí, de uma explanação sobre a história e os traços característicos daquela colonização na qual guisamos ligeiro esboço histórico-sociológico daquela região brasileira.

A chegada dos primeiros dezessete imigrantes alemães às barrancas do ribeirão Velha, afluente do Itajaí Açu, nas proximidades do local onde hoje se

ergue a estação central da Estrada de Ferro Santa Catarina”, em Blumenau, precisamente no dia 2 de setembro de 1850, marca, historicamente, o início da colonização germânica no Vale do Itajaí.

Deve-se ao Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, à sua perseverança, aos seus esforços e ao seu idealismo o carrear para o Vale do Itajaí em levadas sucessivas por anos seguidos, de emigrantes teutos, em sua maioria da Alemanha do Norte, de Holstein, Pomerânia e Hanover. Só mais tarde, passaram a integrar os contingentes imigratórios camponeses da Alemanha do Sul e da Áustria.

Cumpra acentuar, de logo, a homogeneidade étnica dos pioneiros da colonização germânica das margens do Itajaí, bem como a sua localização geográfica na região intermédia entre o litoral catarinense com economia de pesca e pequena lavoura, e o planalto latifundiário de economia pastoril.³ Note-se, ainda, que a região a ser colonizada não era povoada senão por raros remanescentes de tribos indígenas, nômades por excelência. A penetração do elemento germânico fazendo-se ao longo do curso do Itajaí e de seus numerosos afluentes de leste para o oeste, acarretou, através deste isolamento espacial, o conseqüente insulamento cultural em relação às populações luso-brasileiras do litoral e do planalto. Enfim, como perspectiva básica e elementar para apreciação do assunto impõe-se considerar o regime econômico predominante na zona colonial. Fundada na pequena propriedade, na policultura e na exploração das chamadas propriedades de subsistência de cunho estritamente familiar. A respeito, é valioso o ensinamento do ilustre sociólogo catarinense, Egon Schaden, professor da Universidade de São Paulo, quando esclarece:

“O regime principal das colônias – pequena propriedade e economia familiar – foi a causa principal da impermeabilidade destas. Não havendo lugar para trabalhadores rurais brasileiros, a estrutura social constituiu-se quase exclusivamente de elementos teutos, mais ou menos homogêneos do ponto de vista cultural”.⁴

Esses são os elementos essenciais básicos, para que se possa apreciar a população do Vale do Itajaí sob o ângulo de sua integração social. Impõe-se, porém, desde logo, por uma questão de método, que fixemos o conceito de assimilação como “Processo ou Processos pelos quais povos de origens raciais diversas e de diferentes heranças culturais. Ocupando um território comum, realizam uma solidariedade cultural suficiente, pelo menos, para sustentar uma existência nacional”, conforme a clara conceituação do sociólogo Robert E. Park.⁵

³ Neste local está edificado agora o prédio da Prefeitura Municipal de Blumenau.

Necessário, salientar, também, para o melhor exame da matéria, conforme assinalou a pesquisadora social Ursula Albersheim em seu recente trabalho “Uma comunidade teuto-brasileira”.⁶ A dupla perspectiva em que deve ser observada a população teuto-brasileira do Vale do Itajaí: “como um todo no sentido de minoria existente no Brasil e que, como tal, tenderia ser assimilada pela sociedade nacional, ou restringir-se o problema a uma perspectiva mais local, ao considerar-se os contatos entre brasileiros e alemães na própria comunidade: neste caso, a posição dos dois grupos se inverteria. Isto é, os alemães passariam a constituir a maioria que iria ou não assimilar um pequeno grupo de brasileiros que atualmente se encontram entre eles”.

Só assim, apoiados nessas indispensáveis premissas, é que se pode apreciar com realismo e imparcialidade as situações sociais da população brasileira de origem germânica no vale do Itajaí.

Cabe, pois, já agora, em ligeira síntese, dizer-vos do que foi a vida dos imigrantes alemães nas primeiras décadas de sua fixação no solo pátrio. Não será demasia qualificar de heróicos e dramáticos os primeiros anos da colonização de Blumenau, ponto inicial do povoamento teuto da região.

Sacrifícios, renúncias e tristezas caracterizaram a vida dos colonos blumenauenses nos primeiros quartéis da segunda metade do século XIX. Somente o firme propósito de criarem para seus descendentes um novo lar mais farto, em uma nova pátria mais generosa, deu-lhes o ânimo e a perseverança indispensáveis para vencerem tantas dificuldades e aflições.

De início, deve-se destacar entre os motivos de maior sofrimento para os colonos, o trauma afetivo inerente ao emigrante. Por mais imperioso que sejam os motivos que levam o indivíduo a emigrar, não se opera impunemente para a personalidade o abandono da terra natal, o desprendimento dos velhos conhecidos e amigos, a ruptura de arraigados hábitos e costumes. A consequência natural e imediata da emigração é o trauma psicológico profundo e aflitivo, que martiriza o emigrante nos primeiros tempos e se manifesta em sua vida na nova terra, conforme as condições personalíssimas de cada um, pela tristeza, pela saudade, pelas atitudes anti-sociais de rebeldia e, por vezes, pelas perturbações psíquicas. No caso da emigração para Blumenau, os padecimentos dos colonos, oriundos de seus esforços de adaptação ao novo habitat ainda mais se agravaram, porque, acostumados à vida de aldeias ou cidades européias, viam-se, de chofre, em plena mata virgem da região subtropical de um país que lhes era quase desconhecido. Não podiam ser mais completas portanto, as modificações no estilo de vida do emigrante alemão que se fixava no vale do Itajaí. E tais alterações estendiam-se dos hábitos

alimentares, do tipo de habitação, do método de trabalho, dos meios de transporte, até às atividades recreativas.

Um ligeiro retrospecto sobre o modo de vida dos primeiros colonos mostrará que a árdua tarefa de colonizar exigiu daqueles humildes e anônimos pioneiros da civilização nas selvas marginais do Itajaí um elevado tributo de esforços, abnegação e tenacidade.

Em primeiro lugar, o clima, demasiado quente no verão, acarretava para o colono recém-chegado perturbações fisiológicas, tais como dores de cabeça, eczemas e sensação de fadiga. Mas esses incômodos para adaptação física, como explicava o Dr. Blumenau⁷, passavam com brevidade, sobretudo se o colono adotava métodos de alimentação e de trabalho adequados ao meio.

O rio, que era a via natural e única de comunicação entre os diversos pontos habitados, tornava-se, por vezes, um obstáculo ao bom desenvolvimento da colônia. As suas enchentes periódicas não só destruíram o produto de alguns meses de trabalho, como punham em perigo a própria vida do colono. A simples navegação do rio não era isenta de perigos para aqueles que não sabiam utilizar, com a necessária perícia, as canoas finas e compridas. Por muitos anos, enquanto o Itajaí e seus afluentes foram os únicos meios de transporte, a crônica colonial registrou elevada percentagem de afogamentos.

A selva, que então cobria todo o vale, não foi também um obstáculo fácil de vencer. A derrubada da mata para o preparo das primeiras roças ou construção dos ranchos primitivos, não raro, causava acidentes, porque as copas das gigantescas árvores ligadas às vizinhas por fortes cipós, arrastavam na sua queda galhos da grossura de árvores e, por esse motivo, a direção da queda ocorria de modo diverso do previsto pelo corte. Um acidente dessa natureza, felizmente sem maior gravidade, ocorreu com o sábio Fritz Müller, um dos pioneiros da colonização.⁸

Além dos perigos das derrubadas, a selva ocultava dois terríveis inimigos dos colonos: os índios e as feras.

Pouco numerosos, mas astutos e destros em seus ataques, os senhores da floresta, que quase sempre atacavam de surpresa, fizeram muitas vítimas. Aqueles emigrantes que se localizavam nos pontos extremos da colônia, viveram por muitos anos em contínuo sobressalto pelo fundado receio de saques e morticínios por parte dos silvícolas. A relação completa de seus ataques à zona colonial, estendeu-se, no tempo, desde 1852, até quase aos nossos dias, quando se fez a pacificação do grupo remanescente de botocudos, na zona do rio Plate.

A vida dos primeiros emigrantes foi, por anos a fio, ameaçada também pelos ataques de animais perigosos: onças e cobras venenosas. É muito

possível que um exame mais detido do obituário colonial venha a confirmar a tradição oral de que foram numerosos e freqüentes os casos de morte em consequência de picadas de cobras. Tão contraditórios, de fato, foram em Blumenau, esses perigosos ofícios, sobretudo os da espécie denominada “jararaca”, que um riacho situado no bairro da Velha a cidade de Blumenau conserva, ainda hoje, o nome bastante expressivo de “Jarakenbach”, - evidente corruptela da palavra “jararaca”, seguida pelo designativo “Bach”, que, em língua alemã, significa “ribeirão”. Não foram, igualmente, raros os ataques de onças que punham em perigo a vida do emigrante.

A esses motivos de infortúnio dos colonos, juntava-se a falta quase absoluta do conforto espiritual da prática constante de seus cultos religiosos. Só quase ao findar a primeira década da vida colonial, ali chegou o primeiro pastor protestante Oswaldo Hesse. Pior ainda era a situação dos poucos católicos romanos na Colônia. Estes tinham de percorrer cerca de duas léguas de maus caminhos até a Igreja de São Pedro Apóstolo, em Gaspar, para assistirem à sagrada missa.

Até os traços mais genuínos da cultura recreativa germânica, as associações de tiro ao alvo, (caça e tiro) ginástica, canto orfeônico, representação teatral e jogo de boliche, só muito mais tarde, com o começo da urbanização da Colônia, começaram a surgir em Blumenau e nos diversos núcleos coloniais do vale. Aliás, é de notar, *en passant*, que, nos tempos atuais é no campo recreativo, onde mais se acelera o processo aculturativo das populações teuto-brasileiras.

Fator que não pode passar despercebido por sua alta relevância sociológica é o sistema de organização econômica da antiga colônia. A pequena propriedade de exploração familiar, permitindo ao colono o status de proprietário e levando-o através da policultura à auto-suficiência; a ausência na região de uma sociedade luso-brasileira com a qual tivessem de competir; todos esses fatos propiciaram a manutenção dos valores culturais trazidos pelos adventícios, pouco ou quase nada modificados pela interação com os luso-brasileiros circundantes. Cumpre, neste ensejo, lembrar a lição magistral do grande sociólogo, Emílio Willems, quando na sua notável obra “A Aculturação dos Alemães no Brasil”. Discorre referindo-se, de modo genérico, ao insulamento geográfico e cultural a que foram submetidas numerosas colônias teutas no Brasil:

“O grau de isolamento geográfico - acompanhado de insulamento cultural variava grandemente no espaço e no tempo. Não parece demais insistirmos, sobre o fato de que, Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC luso-brasileira nas zo-

nas de colonização germânica. A nova sociedade integrada quase exclusivamente por imigrantes alemães, seus descendentes e por fragmentos étnicos culturalmente absorvidos por eles, constituía-se sem que houvesse possibilidades de integrar em grande escala valores culturais brasileiros. Assim como extensas porções da sociedade colonial brasileira se formaram e se desenvolveram praticamente fora do raio de alcance do sistema estatal da metrópole, a maioria das zonas de colonização estrangeira permanecia, por longas décadas, voltada sobre si. Os laços que a ligavam - continua frisando Emílio Willems com todo acerto - ao sistema político-administrativo e educacional da nação eram extremamente tênues. Quanto maior o isolamento geográfico das áreas teutas - conclui afinal Emílio Willems - quanto mais rarefeitos os sítios e núcleos e quanto mais homogênea a sua organização econômica, tanto mais acentuado o seu insulamento cultural”⁹.

Por este ligeiro relato de como viveram os primeiros colonos no Vale do Itajaí, bem se pode avaliar o intenso grau de insulamento espacial e conseqüentemente cultural em que permaneceram aqueles grupos humanos - pode-se afirmar sem receio de contradita - até quase os albores deste século.

Todos esses fatos aqui apontadas tão sucintamente obrigaram a população teuto-brasileira do Vale do Itajaí a formar uma nova estrutura social, a desenvolver o que se pode chamar de cultura teuto-brasileira de transição, cujos traços mais acentuadamente característicos seriam:

- O uso predominante, a princípio exclusivo, da língua alemã, substituída, na atualidade, pelo bilingüismo alemão-português.

- Valorização excessiva de sua capacidade de realização, dando-lhes a idéia de que lhes pertence, inteiramente, a região por eles colonizada.

- A aceitação, também inicial e hoje desaparecida, de estereótipos ou representações coletivas pouco favoráveis do brasileiro, como “gente primitiva” ou o *Schlamburger* que significa “habitante do barro”, expressão derivada das casas de pau-a-pique ou taipa onde moravam os poucos brasileiros que os colonos podiam conhecer;

- Etnocentrismo acentuado que se traduz na oposição ou hostilidade aos casamentos ou uniões interétnicas, igualmente hoje, em processo de dissolução.

- Enfim, mais recentemente, a constante perda de valores da cultura de origem com a aquisição substitutiva de traços culturais nitidamente brasileiros, em todos os seus aspectos sociais.

Mas, é preciso acentuar e proclamar bem alto que essa cultura teuto-brasileira cada vez mais se distancia da cultura alemã de origem, cujos antagonismos são muito maiores e mais profundos do que parece à primeira vista. Basta assinalar que o teuto-brasileiro do Itajaí, como pude observar durante a minha longa permanência na zona, desenvolve, em relação ao alemão nato re-

cém-chegado um estereótipo não menos favorável do que aquele que, outrora, fazia do luso-brasileiro, considerando o adventício como fanfarrão, trapaceiro, vagabundo. Reflete bem essa oposição ao alemão recém-chegado, o caráter até certo ponto pejorativo da expressão *Neudeutsche*, como o designa.

Em contraposição, além da influência telúrica da região, obrigando o imigrante a tantas adaptações, os processos de urbanização e industrialização das antigas colônias, acarretando a formação de classes sociais mais estratificadas; a presença mais constante do governo brasileiro naquela área através de eficiente sistema escolar; o contato mais próximo com homens representativos da cultura castiçamente luso-brasileira, em regra, profissionais liberais que se instalam, atraídos pelo desenvolvimento econômico nas pequenas cidades coloniais; enfim pelo prestígio social de altos funcionários e representantes das forças armadas; todas essas circunstâncias concorrem poderosa e eficientemente para aproximar ou melhor, acelerar, dia a dia, o processo de assimilação dessa cultura de transição da grande comunidade brasileira. E bem merece, neste instante, que se realce, repetindo ainda uma vez que assimilação não quer dizer perda integral dos valores culturais, mas, sim, perda e aquisição recíprocas de valores entre duas culturas diversas.

Graças a esses três processos: urbanização, industrialização e formação de classes sociais estratificadas, que decorrem no normal desenvolvimento dos antigos estabelecimentos coloniais, o processo de assimilação das populações teutas avanta-se celeremente. Constituem estes fenômenos estímulos demasiado fortes, baseados numa intensificação dos contatos com as populações luso-brasileiras e promissores de vantagens políticas e financeiras. Em conseqüência, apagam-se, com facilidade, os antigos estereótipos contra o luso-brasileiro, desfazem-se as hostilidades ou oposições a uma possível miscigenação através de casamentos interétnicos; funde-se a resistência à aprendizagem do idioma nacional; enfim, processa-se, sem empecos, obstáculos e relutâncias, a completa assimilação da população teuto-brasileira na comunidade pátria.

Aliás, o que fica dito com base na minha experiência de vida por mais de um decênio na região estudada, pode-se facilmente constatar. Quem quer, que se demore nas áreas mais industrializadas e urbanizadas do vale do Itajaí, tais como Blumenau, Rio do Sul ou Indaial, verificará sem esforço que as gerações novas já são bilíngües: falam, com fluência, o alemão e o português. Cumpre, porém, insistir que os jovens, mesmo os que falam obrigatoriamente o alemão no recesso do lar, preferem utilizar o português em seus colóquios fora da vista dos pais ou dos avós. Explica-se o fenômeno: o português hoje em dia naquela zona confere a quem o domina um maior valor social, porque é o instrumento de contato cultural com as elites políticas e dominantes do país. Acresce, ainda,

a circunstância de que o teuto-brasileiro do Itajaí, tem a consciência bem viva da necessidade de mudanças que se operam na sua situação social. Bem expressivos desta compreensão do problema são os seguintes trechos de uma publicação popular teuto-brasileira, o *Kurze Geschichte der deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul*, de 1936:

“Em todo caso, atualmente já não é possível que a colônia alemã no Brasil permaneça isolada como tem sido até agora, de modo geral. A que ponto o isolamento era acentuado pode ser explicado pelo fato de haver muitos alemães que quase não falam o vernáculo, embora sejam brasileiros natos e tenham trabalhado a sua vida toda pelo Brasil. Hodiernamente, essa segregação luso-brasileira já não existe com a mesma intensidade. O tráfego mais intenso (automóvel), o serviço militar, a expansão das escolas públicas e da organização administrativa puseram a colônia em contato muito mais estreito com os luso-brasileiros do que antigamente. Isso já se percebe pela difusão do vernáculo que suplantou, em alguns lugares a língua alemã”.¹⁰

Por outro lado, o alemão falado pelos descendentes dos imigrantes que se radicaram no Vale do Itajaí, embora constitua o instrumento de comunicação comum a todos os colonos de origem teuta nas diversas áreas de colonização, por numerosas razões não tem prestígio social como língua. Como é sabido, na Alemanha e demais países de língua germânica, a criação de um idioma-padrão, não fez desaparecer os dialetos, por vezes bastante diferenciados lingüisticamente de acordo com as condições regionais respectivas. Ao contrário, como observou Leonard Bloomfield¹¹, “os alemães desenvolveram, no último século, uma espécie de afeto romântico por dialetos locais”. É preciso convir que a emigração alemã para o Vale do Itajaí carregou grupos regionais os mais diversos: Prussianos, Bávaros, Pomeranos, Badenses, Renanos, que falavam dialetos bem distintos. Além disso, o meio físico novo impondo a necessidade de uma terminologia também nova para suprir verdadeiras ou falsas lacunas do equipamento lingüístico dos colonos, obrigou-os ao aproveitamento de numerosas expressões portuguesas que procuravam germanizar pela desinência. A propósito, Emílio Willems¹² arrola cerca de 693 vocábulos portugueses germanizados e incorporados à língua falada nas colônias alemãs no Brasil. Entre os exemplos mais interessantes e expressivos dessa interpenetração idiomática, podem ser apontados os seguintes: o termo *Rossen*, como forma germanizada do verbo roçar; a expressão impessoal que não existe na língua alemã padrão “es hat” no sentido de “há”; as palavras compostas como *Mesklabosen* (calças listradas), *Milykolben* (espiga de milho), *Palyazigarette* (cigarro de palha), *Polizeidelegat* (delegado de polícia) e tantas outras. Deste modo, o linguajar alemão cor-

rente da população teuto-brasileira, não é um instrumento de comunicação socialmente prestigioso e por isso as novas gerações de origem germânica, já bilingües, sentem a importância para a vida da relação da língua vernácula, pelo que a preferem e usam mais freqüentemente. Tanto é verdadeiro o fato que, nos dias atuais, somente em alguma remota comunidade rural bem distante dos centros urbanos do Vale, alguma *tifa* como se diz na região, é que ainda se encontram jovens teuto-brasileiros que não dominam a língua pátria.

O problema lingüístico daquela população, que é o que mais scandaliza aos brasileiros de outras regiões que percorrem o Vale do Itajaí, não tem, entretanto, a importância que comumente lhe atribuem os menos esclarecidos, conforme acabamos de demonstrar.

Não se deve omitir, também nesta ocasião, em favor da população teuta daquele Vale, que se o fenômeno do desconhecimento do vernáculo estendeu-se até os nossos dias, boa parte de sua responsabilidade cabe inegavelmente ao governo brasileiro. Do Império à República, que deixou sem a devida e realmente eficiente assistência escolar durante tão longo período toda aquela imensa área. A propósito, vale lembrar estas palavras candentes e de tanto bom senso do grande homem de letras, autêntico poeta, recentemente falecido, Ribeiro do Couto:

“O isolamento é sempre uma consequência das condições de ordem econômica ou do meio geográfico: o preço da terra. As comodidades da exploração, as vantagens do clima. Ao Estado é que compete acompanhar o homem na sua marcha pelo país a dentro. Abrir escolas e vias de comunicações são o mínimo desse dever. A proporção que o machado abate as florestas, que as lavouras surgem do chão e o gado se espalha pelo campo, cada núcleo de colonos tem direito a um professor de primeiras letras e a uma estrada para mandar o produto ao mercado”¹³.

Ante as considerações expedidas, a análise embora superficial que fizemos da situação histórico-sociológica da população do Vale do Itajaí, impõe-se como conclusão indestrutível o reconhecimento de que o teuto-brasileiro de Santa Catarina não constitui uma “população estrangeira”, não é o propalado “Quisto Germânico” a ameaçar a integridade brasileira; mas, muito ao contrário, trata-se de um grupo social de etnia germânica em pleno processo de assimilação e perfeita integração na cultura brasileira.

Imperativo de justiça impõe a todos nós brasileiros, quaisquer que sejam as nossas origens étnicas, a obrigação de reconhecer, louvar e proclamar que a população de origem germânica do Vale do Itajaí vem trazendo, há precisamente 113 anos, inestimáveis contribuições de trabalho, esforços, te-

nacidade, inteligência e realizações para a maior e sempre crescente grandeza do Brasil !

Rio, 20/21 - setembro - 1963.

Notas e citações:

- 1) WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. - Col. Brasileira Comp. Edit. Nacional 1946, p. 189.
- 2) ALENCAR, Rui Nogueira de. **Nacionalização do Vale do Itajaí**. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, Vol. CX, 1947.
- 3) SCHADEN, Egon. **Aculturação de Alemães e Japoneses**. Separata da Revista de Antropologia Vol. 4, n. 1 - julho de 1956.
- 4) Idem, ibidem.
- 5) PARK, Robert E. "Encyclopaedia of de Social Sciences". Vol. 11, Art. "Assimilation" Apud: Emilio Willems - "Assimilação e Populações Marginais no Brasil" Col. Brasileira vol. 186. p. 13 - Comp. Edit. Nacional, 1940.
- 6) ALBERSHEIM, Úrsula. **Uma Comunidade Teuto-brasileira (Jarim)**. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas educacionais, 1962.
- 7) BLUMENAU, Herman. **Deutsche Kolonie Blumenau in Der Provinz Santa Catarina in Süd-Brasilien**, Rudolstadt, 1856.
- 8) MÜLLER, Fritz. **"Werke, Briefe und Leben" Gesammelt und herausgegeben von Dr. Alfred Moeller**. Jena, 1920. Vol. 111, p. 154.
- 9) WILLEMS, Emílio. op. cit., p. 156.
- 10) Kurze Geschichte Der Deutscher Einwanderung in Rio Grande do Sul - 1936 Apud: Emílio Willems, "A Aculturação dos Alemães no Brasil", p. 162-163.
- 11) BLOMFIELD, Leonardo. **Language**. Apud: Emilio Willems, "A Aculturação dos Alemães no Brasil", p. 275.
- 12) WILLEMS, Emílio. op. cit., p. 280.
- 13) COUTO, Ribeiro. **O Problema da Nacionalização**, in: "Revista da Colonização de Imigração" Ano II n.º I, Janeiro de 1941. p. 24.

Fragmentos de Nossa História Local

Quinhentos mil cruzeiros para início das obras de defesa da margem do rio Itajaí-Açu, nesta cidade

As periódicas enchentes do rio Itajaí-Açu, inundando desastrosamente suas fertilíssimas margens em todo o seu caudaloso percurso, constituem indiscutivelmente uma verdadeira calamidade para todo o Vale, mais acentuadamente porém para Blumenau, onde os efeitos danosos do transbordamento provocam erosões em toda a extensão que margeia a rua 15 de Novembro, trazendo sobressaltos a seus moradores, além de enormes prejuízos materiais com os desmoronamentos de prédios e outras construções.

O fenômeno dessas erosões foi observado em todas as enchentes havidas desde 1880, porém, num crescendo, isto é, sempre maior em cada uma delas, culminando com vultuosos prejuízos na de 1948 quando então, diante da magnitude da catástrofe, foram feitos pelo sr. Frederico G. Busch

Júnior, prefeito municipal de então, fez os mais angustiosos apelos às autoridades competentes, no sentido de ser dada solução à dramática situação, com a construção de um muro de arrimo que viesse a proteger a parte ameaçada da cidade. Esses apelos tiveram ressonância, eis que provocaram a presença do próprio Ministro da Viação e Obras Públicas: Eng. Clovis Pestana que teve ensejo de observar pessoalmente os desmoronamentos, ordenando então imediatos estudos, cujo projeto e orçamento foram aprovados por portaria ministerial de 22 de agosto de 1949.

Entretanto, num criminoso descaso a *“uma população que, patrioticamente trabalha e contribui com não pequena parcela, para o progresso do Brasil, a Rainha do Vale do Itajaí e orgulho de Santa Catarina”* – na expressão feliz de nosso íntegro Juiz de Direito Dr. Mar-

Fonte: LUME, Blumenau, 31 de março de 1955. N.º 427.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

cílio Medeiros – teve as obras proteladas sob a alegação de falta de verba, ficando assim, Blumenau mais uma vez entregue à sua sorte, à espera de uma nova enchente, que de fato ocorreu em outubro último, de maiores e mais calamitosos efeitos, como devem, sem dúvida, estar lembrados os blumenauenses.

Novo apelo então foi feito pelo Prefeito Hercílio Deeke, mas desta vez junto ao Governador Irineu Bornhausen que, também verificando pessoalmente os incalculáveis prejuízos causados, tomou o melhor interesse em favor da população blumenauense, novamente e tão duramente atingida, conseguindo do Presidente Café Filho, fossem as obras atacadas - tendo sido para isto aberto um crédito inicial de Cr\$ 500.000,00 - o que ficou concretizado em sua última viagem que empreendeu ao Rio com a assinatura do convênio que a seguir transcrevemos na íntegra para conhecimento de nossos prezados leitores.

Por esse convênio, que entrará em vigor tão logo fique registrado no Tribunal de Contas, a execução das obras ficará a cargo do Governo do Estado sob a fiscalização do 17º Distrito de Rios, Portos e Canais, com sede em Florianópolis, que tem por Chefe o Dr. Thiers Fleming, engenheiro especializado em obras desse gênero.



Margem direita da vislumbre antes da construção da Avenida Beira-Rio – década de 60

O texto que ora se apresenta é uma contribuição à história do cinema no Brasil. Foi extraído de uma edição comemorativa, alusiva aos cinquenta anos de cinema em Blumenau. Hoje, após 100 anos, trazemos a público para lembrar o feito iniciado em 1900, com Frederico Guilherme Busch, fundador do Cine Busch.

Cinquenta anos de Cinematografia

Nos dias 24 até 31 deste mês, o Cine Busch, comemorará condignamente seu Jubileu de Ouro, com o lançamento diário de uma produção especial. E é necessário que assim seja, pois lá se vai meio século de lutas para a conquista de um ideal que teve seu fim promissor... Há cinquenta anos passados, mais ou menos, entre 1900 e 1901, o saudoso batalhador e dinâmico cineasta da velha guarda, Sr. Frederico Busch, recebeu uma máquina cinematográfica da Alemanha, da firma Westfallen & Cia., de Hamburgo... Era o começo de uma luta que iria se desenrolar por tantos e tantos anos...

O velho cineasta escreveu então ao seu representante no Rio de Janeiro, Sr. Augusto de Oliveira e Silva, para que lhe arranjasse alguns filmes. A resposta veio pouco depois: "Corri a praça toda e aqui não se conhece esse artigo".

Velhos tempos aqueles, em que o cinema era ainda uma coisa olhada com pouca confiança e filmes não existiam no Rio. Mas o Sr. Frederico Busch, não sendo pessoa que desanimasse em meio à jornada... escreveu aos pioneiros do cinema francês, os dirigentes da Pathé Frères de Paris, de onde recebeu auspiciosamente 85 filmes.

Foi realmente um acontecimento estupendo e o Sr. Frederico Busch com seu gesto pode ser considerado um pioneiro do cinema no Brasil. O 1º. filme da época compunha-se apenas de uma passagem de barco à vela, o que era considerado um ótimo passatempo, de

excepcional atração. Aliás, este foi o 1º. filme exibido na cidade de Blumenau, nos começos deste século vertiginoso, num rancho, nos fundos do atual Hotel Cruzeiro desta próspera cidade.

Desta data em diante, o esforçado Sr. Frederico Busch convidava, de vez em quando, amigos e parentes a quem proporcionava aos domingos à noite, seções cinematográficas. A dificuldade maior naquele tempo era a luz, pois a energia elétrica ainda não tinha entrado na vida comum. Provinha ela de uma espécie de carbureto que produzia gás, sendo que muitas vezes a assistência tinha que voltar para casa, porque o aparelho da luz não funcionava. Uma verdadeira abnegação e uma persistência digna dos maiores elogios para uma época, em que tudo faltava e quase tudo tinha que ser improvisado...

Em 1904 as seções passaram a ser realizadas no Salão Holetz, no mesmo local onde é hoje o Cine Busch!

O velho batalhador continuou assim, dando durante dois ou três anos, seções gratuitas, pois jamais se sonhava que o cinema seria um dia um ramo de comércio!

Estas concorridas seções ou melhor, estes espetáculos, sempre foram acompanhados pela célebre banda de música Werner... somente lá por volta de 1906 ou 1907, é que o saudoso amigo Busch, começou a cobrar entradas, à razão de 300 e 500 réis por pessoa. Bons tempos aqueles.

Em 1908, mais ou menos, Blumenau teve o cinema falado, com as magníficas e conhecidas produções: A Viúva Alegre, O Conde de Luxemburgo, Eva, e mais cinco filmes cantados pelo célebre Caruso.

Como naquele tempo não havia ainda a célula fotoelétrica, o que quer dizer, o som elétrico, os discos eram uma gravação toda especial, acompanhando o trecho do filme. Um disco comum custava 25 pfennigs, sendo que o disco do Cinema Falado, importava em 25 marcos. O cinema falado fracassou na sincronização do som com o filme. Em todo caso, pode a cidade de Blumenau se orgulhar de que teve o primeiro cinema falado do Brasil, e quem sabe, o primeiro cinema, graças ao velho conterrâneo Sr. Frederico Busch, realmente um Pioneiro da exibição cinematográfica em terras brasileiras.

Estes são os traços inesquecíveis da vida, em prol da sétima arte, que devemos ao grande amigo Sr. Frederico Busch, que nasceu em 1865, em Santo Amaro, município de Palhoça, e que foi educado por sua irmã Da. Emilia Berenhauer, em Florianópolis.

Em 1894 mudou-se para a cidade de Blumenau, onde viveu, e faleceu em julho de 1943. Mas a sua obra grandiosa teria um continuador infatigável na pessoa de seu dileto filho, o nosso prezado amigo Frederico Guilherme Busch Júnior.

* O Cine Busch foi desativado e, em junho/1997, tornou-se sede do Centro de Convenções do Grande Hotel Blumenau.

Herdando de seu pai, aquela fibra de puro e bom cineasta, o moço F. G. Busch Júnior continuou a manter as tradições herdadas e eis que surge o Cine Busch na industrial cidade de Blumenau, uma das melhores e confortáveis casas de diversões deste gênero de espetáculo, que se conhece no Sul do País. Busch Jr., é um homem dinâmico, batalhador como seu velho pai, e Prefeito de Blumenau, imprimiu traços marcantes de sua profícua e sábia gestão, deixando assinalados os seus feitos em benefício desta gente obreira que gravita, como numa colméia gigantesca, para o bem da coletividade.



**Instalações do Cine Busch – Blumenau
Alameda Rio Branco**

Devido aos múltiplos afazeres em ramos de atividades comerciais, o nosso prezado amigo Frederico Guilherme Busch Jr. houve por bem arrendar aos estabelecimentos José Daux S. A. Comercial, sua casa de diversões, já que sabia que estes diligentes homens de negócio no ramo do cinema iriam continuar a servir o pú-

blico de Blumenau tão bem como o seu saudoso pai, durante tantos anos, e ele próprio, até a era atual. Não poderia estar entregue a uma firma mais idônea do que a Empresa Daux, a gestão do Cine Busch, que assinala, neste momento, o seu Jubileu de Ouro, recompensa de uma batalha de cinquenta anos em prol do levantamento da arte que domina o mundo.

Frederico Guilherme Busch Jr., deve-se ufanar de sua descendência, ao contemplar o passado, o presente e o futuro promissor. É pensamento ainda da Empresa Daux, lançar, em futuro próximo uma majestosa tela panorâmica no tradicional Cine Busch.

A cidade de Blumenau, terá entre os dias 24 e 31 deste mês, lançamento diário, de produções selecionadas e comemorativas à data festiva do Cine Busch, com o comparecimento do amigo Frederico Guilherme Busch Jr., a quem aqui desejamos os mais efusivos parabéns pela ocorrência, que empolga toda a família blumenauense. Bem fazem os que lutam em prol de um ideal e que têm a satisfação de vê-lo alcançado para goáudio das gerações futuras.

Memórias de Bernardo Wolfgang Werner

O uso da História Oral na pesquisa está sendo difundido no Brasil desde a década de 70 e, com persistência e seriedade dos envolvidos, o debate em torno desta questão conquistou adeptos e firmou-se como uma técnica adicional na construção da chamada História Social.

Com a finalidade de revelar novos campos de investigação e, ao mesmo tempo, servir de suporte às fontes documentais textuais, a revista "Blumenau em Cadernos", através de registros orais narrados por pessoas que vivenciaram momentos históricos, introduz a coluna denominada "Entrevistas".

Iniciamos publicando uma entrevista realizada no programa de rádio intitulado "Fale Alto", conduzido pelo radialista Altair Carlos Pimpão que, semanalmente, entrevistava pessoas dos mais diferentes ramos profissionais da cidade. A gravação em fita K-7 entrou no acervo do Arquivo Histórico de Blumenau em 1989 e, posteriormente, procedeu-se à transcrição da mesma. Para a publicação ainda foram feitas adaptações da linguagem falada, normalmente coloquial, para a linguagem escrita, possibilitando melhor compreensão das informações narradas.

B.W.W. - Bernardo Wolfgang Werner (Entrevistado)

A.C.P. - Altair Carlos Pimpão (Entrevistador).

A.C.P. - Muito bom dia, ouvintes, aqui estamos mais uma vez para o "Fale Alto" pela UNISUL, programa que traz semanalmente uma personalidade de destaque na vida comunitária blumenauense. E hoje nós trazemos aqui, o empresário Bernardo Wolfgang Werner, Presidente do Conselho de Administração da Eletro Aço Altona. Doutor Bernardo Wolfgang Werner, um blumenauense que muito fez pela sua cidade, uma das pessoas que ao projetar-se em outros cantos do nosso rincão, procurou sempre olhar para sua Blumenau e trazer o que podia para Blumenau! Doutor Bernardo, onde é que o senhor começou a estudar?

B.W.W. - Bom, eu comecei a estudar no "Pedro II", que na época era Escola Alemã, onde o ensino da matéria era em alemão. E a nossa língua estrangeira lá era o português. Aliás, sempre falei português desde pequeno, porque meus amigos na época eram todos com sobrenome brasileiro e eles também falavam alemão mas, eu me adaptei bem. Fiquei na Escola Alemã até 1938, depois passei para o Colégio Santo Antônio e, em 39 (fevereiro), quando tinha 12 anos incompletos, meu pai resolveu mandar-me para a Alemanha para estudar na em que ele havia estudado. Então, minha mãe me levou em fevereiro e colocou-me num internato, que ao mesmo tempo era internato e externato. Meu pai, na sua época, morava na cidade de Meissen, que é uma cidade muito antiga, tem mais de mil anos. O próprio colégio chamava-se "*Fürsten Schule*" e tinha novecentos e alguns anos naquela época, devendo estar perto de mil anos, pois a cidade já tem mais de mil anos. Em julho daquele mesmo ano, minha mãe voltou para cá e eu fiquei. Em setembro, estourou a Guerra. Era para ficar um ano e acabei ficando oito anos, durante toda a Guerra.

A.C.P. - Que experiência! Para um menino que saiu aqui do mato? O sr. chegou em fevereiro, sua mãe voltou em julho, ficou dois meses sozinho na Escola. De repente, a guerra. Se bem que, no princípio não assustava, porque a Alemanha estava só atacando, não estava sendo atacada!

B.W.W. - É, no início essa Guerra parecia que acabaria dentro de um mês ou dois. Como sempre se tem esperança, achávamos que essa Guerra não seria como a de 1914 a 18, que durou 4 anos. E, naturalmente a gente não imaginava que ela iria demorar 6 anos. Mas, pessoalmente, acho que para mim foi muito bom, porque era filho único e embora não tenha nascido em berço de ouro, porque a Empresa criada pelo meu pai em 1924, depois transformada de fundição de ferro em fundição de aço, com nome de Eletro Aço Altona S.A., era uma fundição de fundo de quintal. Aliás, como todas ou a grande maioria das empresas aqui em Blumenau ou em Joinville começaram assim. Então, não era filho de pai rico, mas tinha liberdade, minhas aulas, a escola e certamente fazia aquilo que você também fazia: batia uma bolinha, tinha um cavalinho que montava e gostava muito. Então fui para o internato, onde havia um regulamento com artigos e parágrafos rígidos. Não era militar, mas o sistema era quase que militar. Acho que foi muito bom para mim em termos de educação, ensino e cultura. Depois mudei para outro internato, na cidade de Dresden. pois esta era uma escola humanística, onde se aprendia línguas antigas: latim, grego antigo e outras. Este internato era uma escola eminentemente convencional, ou seja, um colégio comum, onde era ensinado mais a parte comercial e social, concluí o curso em 1944, na cidade de Dresden.

A.C.P. - E Dresden foi atacada violentamente?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

B.W.W. - Dresden foi arrasada 90% e os internos foram evacuados mais ou menos meio ano antes daquele bombardeio e distribuídos nas aldeias da redondeza de Dresden, local onde assisti ao final da Guerra!

Dresden foi arrasada desnecessariamente. Naquela noite do dia 13 e 14 de fevereiro de 45, estive distante dali 20 e poucos quilômetros, aproximadamente como daqui a Indaial.

A.C.P. - Dava para ver o fogo?

B.W.W. - Não. A gente foi lá para aguardar, porque naquela noite morreram 250 mil pessoas. Dresden era uma cidade de 600 mil habitantes, mas como os alemães estavam com seu exército recuando tanto contra a Rússia, quanto contra os americanos, Dresden era centro de encontro ou centro de triagem das famílias que só tinham mulheres, crianças e idosos, porque o restante dos alemães estava convocado, dos 17 aos 18 anos em diante até 50. Eles estavam servindo como soldados. Então Dresden tornou-se um local de concentração da população civil. Naquela noite havia mais de 2 milhões de pessoas em Dresden. Todos os hotéis, cinemas, restaurantes e escolas estavam cheios de gente para poder alojá-los e os americanos ou ingleses vieram com seus aviões e arrasaram com bombas explosivas, bombas de vácuo, aquela que estoura o pulmão, e bombas incendiárias. Isso foi das 8 horas da noite até 6, 7 horas da manhã. Então Dresden foi realmente arrasada. Depois da Guerra, estive lá duas ou três vezes. Hoje em dia não reconheceria mais.

A.C.P. - Mas deve ter sido uma experiência que marcou muito o senhor, um jovem, assistindo a este quadro gigantesco, porque com bombas incendiáveis e tudo mais, com 250 mil mortos. Mas na sua fase de estudo na escola alemã, estudou no Pedro II um ano mais ou menos e em 38 estudou no Santo Antônio?

B.W.W. - Sim, foi em 37 e 38.

A.C.P. - Um ano depois foi para a Alemanha. O senhor é de família protestante?

B.W.W. - Sou.

A.C.P. - E estudou em colégio católico?

B.W.W. - Sim.

A.C.P. - O senhor concluiu o seu estudo em 44, um pouco antes da Guerra terminar. Não quis trabalhar por lá? Ficou, mas não pôde voltar ou ficou preso?

B.W.W. - Há algumas coisas que eu preciso esforçar-me para lembrar. Simplesmente pelo fato de que coisas ruins a gente procura esquecer. Mas às vezes é necessário... Inclusive para convencer-me ou certificar-me de que passei por isso

porque, senão daqui a pouco, vai haver um hiato na minha vida e não sei como enquadrar. Mas houve o seguinte: Terminou a Guerra e naquela área onde estive, na Saxônia, houve a ocupação pelos russos. Eles determinaram, acho que era uma filosofia de lá, que eu pessoalmente acho certo: quem não trabalha, não tem direito a alimentação. A pessoa tinha que trabalhar e o que eu iria fazer como estudante? Na época, com 18 anos, não aprendi nada, a não ser estudar. E como nessa idade, a gente gosta de se alimentar bem e o alimento era racionado, fui trabalhar com um colono, mas tive azar. O colono e a mulher tinham uma propriedade que precisava ser arada, plantada, fazer a colheita e não sei o que mais, tratar do gado e dos cavalos. O colono tinha 80 e poucos anos, ela também. O filho na Guerra tinha perdido as duas pernas e a mão. Então, o único que estava em condições era eu, que trabalhava pelos dois. Precisava trabalhar e acho que foi muito bom, não me arrependi nem um pouco. Então chegou uma oportunidade em que assisti ou li no jornal, que todos os estrangeiros que estavam residindo na Alemanha, naquela época, poderiam ser registrados na ONU, onde havia uma certa organização, chamada UNRA, em Berlim. Então fui para lá, pois os meus documentos estavam em ordem e em dia, inclusive revalidados quando a Alemanha estava em Guerra com o Brasil. E quem assumiu os interesses do Brasil foi o Consulado de Portugal. Cheguei lá e fui registrado, mas precisava esperar até ser repatriado para cá, porque o americano fazia primeiro uma triagem: queria saber quem era nazista, o que fez, o que deixou de fazer. Isso levou dois anos, e voltei para cá em 1947.

A.C.P. - E nesse período em que o senhor esteve lá, quando estourou a Guerra, pôde manter contato com sua família? Escrevia, recebia cartas ou de repente houve um hiato?

B.W.W. - Não exatamente. Um detalhe que eu iria citar: a partir de 41 até 46, não tive um contato sequer com meus pais. Não recebia cartas deles e eles nenhum sinal de vida da minha parte. Agora, o que foi importante para mim é que aos 14 anos tive de assumir a responsabilidade por mim mesmo. Tinha tios, uma avó, mas estava totalmente isolado dentro desse internato. Assumia a responsabilidade por todos os atos que cometia, com essa idade! Isto na vida futura, foi muito importante e até hoje, todos os atos que cometo, assumo total e inteira responsabilidade e sei, inclusive, avaliar possíveis conseqüências que eles possam causar.

Agora, no início, quando voltei para cá, em face dessa determinação ou posição de menino, agora homem, houve o choque com o pai, claro, pois ele achava que eu voltaria um guri de 12 anos, mas voltei um de 20. Na época era um homem de 20, mas isso foi muito bom! Eu me entendi muito bem com meu pai, que era pai, chefe e amigo.

A.C.P. - E quando o senhor voltou, saiu daqui em 39 e voltou em 47, a empresa que era pequena, já se chamava Eletro Aço?

B.W.W. - Já!

A.C.P. - De fundo de quintal?

B.W.W. - Sim.

A.C.P. - Por que o nome Altona? Ele era da região de Meissen ou não? Era de Altona?

B.W.W. - O bairro que hoje é Itoupava Seca, na época, chamava-se Altona.

A.C.P. - Então está explicado!

B.W.W. - O meu pai, que era muito simples no raciocínio, disse: - Bom, vou fazer aço em forno elétrico no bairro Altona, Eletro Aço Altona e acabou. Ele não colocou, como na época era comum, o nome da família. O que importava é que tinha bom serviço.

A.C.P. - O senhor voltou em 47 e já tinha concluído o ginásio?

B.W.W. - Fiz a conclusão do 2º. grau completo.

A.C.P. - Foi aqui que o senhor fez o curso universitário posteriormente?

B.W.W. - Complicou um pouco, porque o Brasil não tem nenhum convênio cultural com a Alemanha. O meu estudo aqui não valia nada, não no papel, na cabeça sim. Eu tinha que fazer o ginásio e o científico, então fiz o artigo 91, um exame só para o ginásio e aproveitei em vez de fazer o científico, fiz o contador, pois enveredei por um ramo comercial e depois disso, fiz a faculdade em Curitiba, de Direito.

A.C.P. - Contabilidade, o senhor fez aqui mesmo?

B.W.W. - Colégio Santo Antônio. Eu sou da turma do Centenário, 1950.

A.C.P. - Era uma escola de contabilidade bem conhecida!

B.W.W. - É uma pena que acabou.

Dos padres tenho lembranças muito gostosas, muito gratificantes! Eu conhecia muito os padres daqui que eram professores. Depois que estava no colégio Santo Antônio e na Igreja São Paulo Apóstolo, a grande maioria deles era nosso amigo, elementos altamente relacionáveis e muito bons. Lamento que hoje a gente quase não conhece mais um padre novo. Quando encontro o Frei Odorico, fico muito contente e feliz, porque ele foi dessa época.

Homem mais capaz na língua portuguesa, fala um português clássico, sem erros! Ele não repete, em questão de meia hora, a palavra uma vez.

Fala um português castiço. Mas havia o Odorico, o Fulgêncio, todos aqueles padres, o Tatu, Valdemar.

A.C.P. - Eram educadores de mérito! Mas não só eles, também os professores que não eram padres e davam aulas no Santo Antônio: o Professor Müller, Germano Mosimann, Schwartz.

Então o senhor teve oportunidade de conviver com essas pessoas todas e também com Frei Brás Reuter. Acho que foi uma figura a quem Blumenau deve essa igreja, construída em tempo recorde. Até parece que o bispo não gostou, porque a Catedral de Joinville não saía e a dele saiu rapidinho.

B.W.W. - O bispo não gostou! Mas ele e Dom Gregório tinham outra filosofia. É muito amigo nosso. Na época fundíamos muitos sinos e de vez em quando vinha comprar um.

A.C.P. - O senhor voltou e fez esse curso de Contabilidade e já foi para a empresa? Entrou administrando ou seu pai o fez percorrer todos os caminhos da empresa para aprender a dirigir mais tarde sozinho?

B.W.W. - Não. Voltei da Alemanha no dia 17 de março de 47 e no dia 30 de março fui registrado na fábrica e comecei. Tem um detalhe: meu pai, um alemão com princípios claros e precisos. Para ele só existia aquele que sabia e entendia, então disse para mim: "Você vai aprender". Meu pai queria que eu fosse engenheiro, mas estava em "pé de guerra" com a matemática, em vez de fazer Engenharia, fiz Direito. Mas isto não quer dizer que um estudante ou um moço não possa aprender outras coisas na prática. Hoje discuto mais metalurgia do que talvez assuntos forenses. Sei fazer uma petição inicial, talvez um recurso. Em metalurgia, em administração, tenho um passado de especialização e de realizações. No primeiro dia quando entrei, meu pai mandou-me comprar um macacão. E no portão de entrada, disse: - "Olha, meu filho! A partir desse portão, entre nós dois acaba qualquer grau de parentesco. Você aqui é empregado. Vai trabalhar com um encarregado, vai respeitar esse encarregado e o chefe supremo aqui dentro sou eu. Quando sairmos do portão, chegando em casa, você é meu filho. Aqui, você é meu empregado!"

E assim trabalhei, passando por todas as seções da fábrica: fundição, usinagem, rebarba, tratamento, montagem no laboratório químico. Sei fazer a carga do forno e analisá-lo, tornear e soldar. Não sou mestre, mas sei fazer. Depois na administração, onde percorri tudo também, sempre fui mais o assessor do meu pai do que um encarregado de setor e achei isso muito bom, pois fiz isso com meu filho também. Quando ele entrou aos 16 anos na fábrica, tinha que fazer estágio em todos os setores, tanto que hoje pode administrar, falar, discutir e exigir

A.C.P. - Então quando o senhor assumiu?

B.W.W. - Em 70, estava com 40 e poucos anos.

A.C.P. - Teve um período que o senhor participou da política, mais diretamente como vereador na cidade? Naquele tempo em que o vereador não ganhava nada.

B.W.W. - Sim. Fui durante quatro mandatos, de 1955 a 1969. Um ano eles nos cortaram, ao invés de quatro anos de mandato, foram três.

A.C.P. - Cortaram para três. Mas era bom fazer política naquele tempo?

B.W.W. - Era, pelo seguinte, gosto da vida comunitária. Não gosto de ver somente para mim as vantagens. Absolutamente! Quero realizar minha profissão, trabalhar, ter a compensação pecuniária ou de forma qualquer. Mas, se tenho recursos o suficiente para viver uma vida mais ou menos agradável e digna, estou satisfeito. Nunca fui dinheirista e nunca aquele que quer açambarcar tudo. Em termos de vida comunitária, sempre fui homem que tinha objetivos. Na época, recebi um desafio pelo meu pai, quando ele disse: - É engraçado, vocês que nasceram aqui em Blumenau, parecem ou são covardes, ou têm ojeriza à política local? Eu disse:- Não, não sou covarde e também não tenho ojeriza, é que nunca pensei nisso! - E por que você não participa? Eu disse: - Já estou participando e já me envolvi.

A.C.P. - E foi para a U.D.N.?

B.W.W. - Isto! Peisei: para onde vou? Então fui para onde tinha mais amigos.

A.C.P. - A U.D.N. não era partido que mandava. Era um partido que estava sempre na oposição.

B.W.W. - Sempre. Isso é gostoso! Fui para a U.D.N. e me candidatei a vereador. Eram cento e poucos candidatos de todos os partidos. Fui eleito pela primeira vez em 6º lugar. Eram 13 vereadores e não 21 como hoje. Fui eleito e daí para frente, foi aquilo...

(Continua no próximo número...)

História & Historiografia

O crescimento do mercado interno numa Colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850 – 1880 (Parte 2)

TEXTO:

ANSELMO
ANTÔNIO
HILLESHEIM*

I- Introdução:

A inexistência de dados sobre o mercado interno nos levou a construir um modelo do mercado interno, para avaliação da evolução econômica da colônia. Os relatórios e mapas estatísticos mostram a sua produção mas não lhe põem valores. Estes relatórios e mapas não dão dados diretos sobre a circulação de produtos na colônia. Dados parciais para 1866 nos permitem indicar que 22% dos produtos foram exportados, naquele ano, mas não dão margem a conclusões muito abrangentes. Indicam, sim, que a maioria da produção de Blumenau era consumida na própria colônia, no mercado interno¹. É clara, portanto, a sua existência. Se comercializava por troca com vendedores ou, às vezes, se permutavam as mercadorias. Grande parte era consumida internamente, enquanto o excedente era exportado para o mercado nacional. No relatório de 1877, referindo-se ao comércio, é o Dr. Blumenau, que assim se expressa: “o comércio teve notável incremento e o teria sido muito maior, se já estivesse concluída a estrada em direção a Curitiba e existisse navegação fluvial, a vapor, para Itajaí, regularmente e afetiva.”²

O mercado interno estimulava a produção para poder oferecer o excedente à exportação, que rendia “divisas”, fortalecendo o comércio local no desenvolvimento. Na avaliação do comércio interno, a produção destinada à sobrevivência seria uma parcela significativa da produção total, como indicam os dados de 1866. Desenvolvemos o modelo do mercado interno para conseguir uma estimativa conservadora do setor. O modelo nos permite avaliar seu peso, ainda que de maneira um pouco artificial.

* Fonte: O Crescimento do Mercado Interno numa colônia do Império o caso de Blumenau -1850 - 1880.

¹ Mapa Estatístico da colônia Blumenau, 1866; colônia Blumenau, Ausfahr, 1866. A. II. B. 4/7.

² BLUMENAU. Relatório Descritivo da colônia Blumenau. 31-01-1879. A. II. B. 4/15.

O desenvolvimento da colônia era a base de expansão do mercado. Com a maioria das vias de comunicação, ligando a sede com os núcleos coloniais internos, a circulação interna de mercadorias era facilitado, assim como o escoamento da produção excedente. Os colonos vendiam-na aos vendeiros mais próximos que, por sua vez, a vendiam na sede da colônia ou a outros centros comerciais que lhes proporcionassem maiores lucros. Para dar maior segurança possível ao nosso modelo, optamos por valores conservadores em pontos duvidosos. Os resultados, permitem a visão desejada do crescimento do mercado interno, não distorcendo realidades, mas procurando cristalizá-los para uma análise eficiente.

II- Os elementos do modelo

Passaremos a demonstrar a “produção de subsistência” e sua avaliação. Como é natural, o colono, em sua produção agropecuária e de beneficiamento, tem necessidades de consumo de parte desta. A mercadoria reservada para o consumo, não é comercializada. Mesmo assim, não deixa de ter um valor monetário. Para estimar a “produção de subsistência na colônia Blumenau, tomamos por base os gastos feitos com o colono recém chegado. A direção da colônia adiantava a cada colono, inclusive aos membros de sua família, auxílio por 100 dias, por meio de diárias no valor total de 20\$000 a 25\$000.³ Após este período de 100 dias, o colono já deveria ter condições suficientes para manutenção, através do próprio trabalho. A partir disto estimamos o custo de subsistência dentro da colônia em 220 réis ao dia, por pessoa.⁴ Nesta base podemos chegar à “produção de subsistência,” multiplicando a população pelo custo básico de sua subsistência.

Na avaliação da “população de subsistência” se faz um ajuste. Os adiantamentos em forma de diárias eram necessários para que o colono tivesse o tempo devido para a fixação e instalação. Os novos colonos não tinham condições de produção, pelo menos, nos três primeiros meses de fixação na colônia. Em geral, porém, a fim de que pudessem se manter independentemente, recebiam estes adiantamentos espaçados, durante 6 meses. A entrada dos colonos era bem distribuída durante o ano, não se verificando época de concentração. Os colonos, entrados durante cada ano, são tratados como se vivessem dos adiantamentos sem produzir para sua subsistência. Para que o leitor possa orientar-se de como se tem procedido para obtenção do cálculo da produção de subsistência, apresentamos a fórmula, conforme Tabela I, referente ao ano de 1875.

³ BLUMENAU. Relatório descritivo da colônia Blumenau. 1864. A. H. B. 4/3

⁴ BLUMENAU. Relatório descritivo da colônia Blumenau. 1864. A. H. B. 4/4, p. 6.

Tabela I:
Produção de Subsistência - 1875

População da colônia	9.161	a
População Nova (não produtiva)	1.129	b
População Produtiva	8.032	
Produção de subsistência (220 RS por dia X 365)	80\$300 per capita	
Produção de Subsistência em Blumenau.....	644:969\$600	c
Fórmula: $(a-b) \times 80\$300 = c$		

Fonte: Mapas Estatísticos da colônia Blumenau 1873-1877
Relatório Descritivo colônia Blumenau 1876.

Além da “produção de subsistência”, entram outros elementos no cálculo do mercado interno. O colono recém chegado vivia dos adiantamentos. Para sua manutenção compravam dos colonos estabelecidos até que ele próprio tivesse condições de produzir para a subsistência. Os adiantamentos entravam assim no cálculo do mercado interno. A exportação para o mercado nacional absorvia a produção excedente da colônia. Esta produção, porém, era negociada no mercado interno e só depois exportada para os grandes centros comerciais brasileiros. A exportação, consistindo do valor dos produtos negociados pelos colonos e dos lucros auferidos pelos intermediários, entrava no mercado interno da colônia. As despesas do Governo com a colônia eram em grande parte gastos na própria colônia, em pagamentos a colonos pelos trabalhos prestados em obras públicas e pelas atividades exercidas pelo pessoal da administração. Estas verbas estão discriminadas em “obras públicas”, “ administração” e “despesas com colonos”. Da conta “obras públicas” tomamos como gasto no mercado interno o excedente àquela arrecadada pela direção por conta de dívidas dos colonos, “a juízo da junta colonial, conforme rezava o artigo 23 do regulamento da colônia”.⁵ Tomamos 60% das

⁵ FERREIRA, História. Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

despesas com “administração” como despendidas no mercado interno da colônia, aplicadas no pagamento da diretoria, engenheiros, mão de obra braçal e funcionários de apoio administrativo. Ainda tomamos 47% das “despesas com colonos” como aplicadas em várias atividades na colônia e, efetivamente, despendidas no mercado interno.⁶

Finalmente, o “excesso de importação sobre exportação” constitui um elemento do mercado interno. Embora a produção interna estivesse se desenvolvendo, fazia-se necessária a importação de produtos não produzidos na colônia, a fim de suprir as necessidades imediatas. Importava-se conforme demonstram os relatórios as seguintes mercadorias: sal, ferro, tecidos, couros curtidos, ferragens, carne seca, sabão, etc.⁷ A exportação constava de uma variedade de produtos agropecuários. A exportação, ao sair da colônia, pagava a maior parte das importações e estou já está incluída no mercado interno. O excedente da importação entra no mercado, não sendo coberto pelas exportações, que eram de valores inferiores aos das importações.

No cálculo do mercado interno, não levamos em conta qualquer efeito multiplicador, embora deva existir. Não sabemos ainda como estabelecê-lo. Excluimo-lo de consideração sugerindo que sua ação eliminaria qualquer duplicação de efeitos das categorias de despesas acima indicadas. Podemos dividir o mercado interno em dois setores. Assim destacamos a “produção de subsistência”, necessária para a manutenção, e a “produção excedente,” que inclui as outras categorias acima indicadas e que definimos como aquela superior à produção de subsistência. Aplicando o modelo descrito aos dados sobre o período em estudo, temos uma visão do comportamento do mercado interno.

III- O mercado interno: 1863- 1876

Os dados do mercado interno estão concentrados na tabela a seguir. Por sua análise podemos demonstrar a evolução econômica da colônia. Restringimos o período apresentado aos anos de 1863 a 1876, por serem estes os únicos anos em que temos dados necessários para computar todos os elementos do mercado interno.

⁶ Esta porcentagem se deriva da análise destas despesas no período 1860-1870, conforme BLUMENAU, Hermann Otto Bruno. Despesas nos anos de 1860 até o último de março de 1870, em Galvão, Luiz Manoel de Albuquerque, **Relatório sobre as colônias Blumenau, Itajaí, Príncipe D. Pedro e D. Francisca**, (Província de Santa Catarina) apresentado ao ministro da agricultura, comércio e obras públicas...em 9 de março 1871. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1871.

⁷ Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau, 1867-1880. A. II, P. 4/1-13.

A Tabela II - Produção de subsistência, demonstra a evolução deste setor da economia local, baseado no crescimento da população da colônia, produzindo, para uma subsistência, gêneros no valor de 80\$300 per capita por ano. A produção excedente mostra uma tendência a crescer aceleradamente, embora em alguns anos, de 1865 a 1866 e de 1870 a 1872 ela caia, devido principalmente a restrições nas despesas do Governo. Por outro lado, seu crescimento acelerado entre 1874 e 1876 reflete não somente um grande investimento governamental, como um deslanche no comércio com o mercado nacional. Pela Tabela III - O Valor do Mercado Interno- 1863- 1876, podemos verificar o processo de crescimento do mercado interno. O ritmo de crescimento se intensificava à medida em que aumentava o ritmo de crescimento populacional. A Tabela IV - mostra o crescimento populacional em comparação com a evolução do mercado interno e seus componentes.

**Tabela II:
Produção de Subsistência, 1863 – 1876**

Data	População	Entradas	População Ativa	Produção de subsistência (percapita)	Produção de subsistência para a Colônia.
1863	2.286	166	2.120		170:236\$000
1864	2.471	127	2.344		188:223\$200
1865	2.625	160	2.465		197:939\$500
1866	2.861	201	2.660		213:598\$000
1867	3.391	248	3.143		252:302\$900
1868	5.126	1.666	3.440		276:232\$000
1869	5.985	699	5.286	80\$300	424:465\$800
1870	6.188	33	6.155		494:246\$500
1871	6.329	56	6.273		503:721\$900
1872	6.498	174	6.324		507:817\$200
1873	7.156	418	6.738		541:061\$400
1874	7.621	220	7.401		594:300\$300
1875	9.161	1.129	8.032		644:969\$000
1876	10.701	1.076	9.625		772:337\$500

Fontes: Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau – 1863 - 1876
Relatório Descritivo Colônia Blumenau – 1876

Tabela III:
O Valor do Mercado Interno, 1863 – 1876

Data	Produção de subsistência	Produção Excedente	Mercado Interno
1863	170:236\$000	86:836\$391	257:072\$391
1864	188:223\$200	91:476\$896	279:700\$096
1865	197:939\$500	90:303\$435	288:242\$935
1866	213:598\$000	69:122\$284	282:720\$284
1867	252:382\$900	114:370\$222	366:753\$122
1868	276:232\$000	193:024\$874	469:256\$874
1869	464:465\$800	262:840\$342	727:306\$142
1870	494:246\$500	227:094\$457	721:340\$957
1871	503:721\$900	217:090\$869	720:812\$769
1872	507:817\$200	252:509\$630	760:326\$830
1873	541:061\$400	326:368\$286	867:429\$686
1874	594:300\$300	459:550\$360	1.053:850\$660
1875	644:969\$000	502:362\$300	1.147:331\$300
1876	772:887\$500	742:454\$210	1.515:341\$710

Fontes: Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau - 1863 - 1876.
Relatório Descritivo, 1876. Colônia Blumenau.

Tabela IV:
Índice de Crescimento na colônia Blumenau, 1863 - 1876

Data	População	Produção de Subsistência	Produção Excedente	Mercado Interno
1863	87,09	86,00	96,16	89,19
1864	94,13	95,09	101,30	97,04
1865	100,00	100,00	100,00	100,00
1866	108,99	107,91	76,54	98,08
1867	129,18	127,51	126,65	127,24
1868	195,28	139,55	213,75	162,80
1869	228,00	214,44	291,06	252,32
1870	235,73	249,70	251,48	250,25
1871	241,10	254,48	240,40	250,42
1872	247,20	256,55	279,62	263,78
1873	272,61	273,35	361,41	300,94
1874	290,32	300,24	508,90	365,61
1875	348,99	325,84	556,30	398,04
1876	407,66	390,47	822,18	525,72

Interpretando as Tabelas acima, notamos que o setor de produção excedente cresce mais rapidamente que a produção total da colônia. Esse crescimento está vinculado à procura e abertura de novos mercados consumidores. A produção de subsistência está estritamente ligada ao crescimento da população, pois depende da primeira a manutenção da segunda. A produção excedente reflete o crescimento da exportação, bem como os gastos do governo na infra-estrutura. Esta, por sua vez, se apoia sobre os rendimentos da colônia advindos do lucro da produção excedente, que lhe permite maiores perspectivas, novas possibilidades e o desenvolvimento de uma economia de mercado.

IV - Conclusões:

Concluindo, queremos ressaltar as características um tanto conservadoras do modelo do mercado interno. O modelo está baseado em fatores conhecidos de despesas e investimentos na colônia. O desempenho do modelo reflete, claramente, estes fatores conhecidos. Por estar baseado em cálculos conservados, sugerimos que subestima o tamanho e desempenho deste mercado interno da colônia Blumenau.

As implicações do modelo são importantes. É clara a existência de um mercado interno que se ampara sobre a " produção da população por cabeça crescia favoravelmente de ano para ano. Este crescimento é visível na Tabela V que apresenta a produção per capita da população total entre 1863 e 1876. Como esta Tabela mostra, a produção per capita aumentou, refletindo o crescimento do mercado interno em ritmo maior que o crescimento populacional.

Tabela V:
Produção per capita 1863 /1876 (em mil réis)

1863	112\$455	1868	91\$545	1873	121\$217
1864	113\$193	1869	121\$215	1874	138\$282
1865	109\$807	1870	116\$571	1875	125\$241
1866	98\$819	1871	113\$890	1876	141\$607
1867	108\$155	1872	117\$009		

Como podemos perceber pela Tabela VI, reflete a produção excedente per capita e, pelo crescimento indicado, o crescimento do poder aquisitivo e de poupança dentro da colônia, pois reproduz os valores do mercado interno além do necessário para a subsistência dos colonos. O mercado comercial iniciou um crescimento acelerado, depois de um período de consolidação, entre 1865 e 1870.

Tabela VI:
Mercado Comercial Per Capita

1863	37\$986	1868	37\$656	1873	45\$608
1864	37\$020	1869	43\$917	1874	60\$301
1865	34\$401	1870	36\$699	1875	54\$837
1866	24\$160	1871	34\$301	1876	69\$382
1867	33\$728	1872	38\$860		

O mercado interno descrito no modelo aqui apresentado demonstra a importância da economia local no desenvolvimento de uma área colonial no segundo reinado. Sugere que o mercado interno é muito mais importante do que a capacidade de produção para exportação durante o período de instalação e embasamento da colônia. Acreditamos que este modelo, com modificações e refinamento, poderia ser aplicada à análise de outras áreas de colonização estrangeira no segundo reinado. O modelo também sugere que à medida que crescia o mercado interno, aumentava-se a capacidade de poupança na colônia.

(Continua no próximo número...)

**Os professores
da "Escola
Alemã" de Rio
da Luz Victoria**

ROSANE WELK*

A composição deste texto foi possibilitada pelo acesso ao acervo particular do professor aposentado Arnoldo Schulz, que, gentilmente, nos permitiu o contato e a cópia de documentos. Durante muitos anos, os velhos e amarelecidos papéis ficaram ocultos, em razão da perseguição a tudo que lembrasse a antiga "escola alemã" do Sul do Brasil e que agora vêm à tona na minha tese de doutoramento, que remonta a vida da Escola da Comunidade de Rio da Luz Vitória desde sua criação até nossos dias.

A "Escola Alemã" da comunidade de Rio da Luz Vitória, fundada no ano de 1904 pelos próprios colonos teuto-brasileiros, existiu até meados de 1938, quando em seu lugar o Governo do Estado, através do Interventor Federal, o Doutor Nercu Ramos, criou, pelo Decreto n.º. 528¹, de 31 de agosto de 1938, a "Escola Mista de Rio da Luz Vitória".¹

Em seus trinta e seis anos de existência, passaram pela "Escola Alemã" de Ribeirão da Luz Victória inúmeros professores, que de alguma forma marcaram sua passagem em fotos, em documentos assinados ou na memória dos antigos moradores.

Antes de ressaltar o trabalho dos professores que efetivamente exerceram docência na "Escola Alemã de Rio da Luz Victória", quer-se atentar para as exigências em ser professor nas escolas estrangeiras do final do século XIX e início do século XX. Na regência da classe e incluso com relação à assimilação, realizavam um trabalho eficaz,² já que o professor (...) "*procedia do próprio ambiente colonial e nele passava a viver, estava portanto*

* Doutoranda em História pela Universidade de León - Espanha. (Orientador: Dr. Manuel Redero San Roman. No Brasil, conta com a especial colaboração do Prof. Dr. Paulo Nosella). Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Jaraguá do Sul.

¹ - D' AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino* : aspectos políticos. 2. ed. Florianópolis : Imprensa Oficial do Estado, 1942, p.100.

² - FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público* : ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano. 2. ed. Florianópolis : Ed. UNSC, 1991, p. 107.

em disponibilidade para outros efeitos que os estritamente escolares"³. As atribuições do professor eram muito elásticas, passando pelo zelo aos bens da comunidade - escola, casa do professor, igreja, já que era um ambiente dividido com o pastor que celebrava os cultos, até a intervenção em desentendimentos, a representação dos colonos junto às autoridades civis e políticas e a promoção cultural (festas infantis onde se apresentavam números artísticos, ensaiados para a ocasião).⁴

Ao constituir-se uma nova comunidade, muitas vezes, o primeiro professor era alguém proveniente dentre os próprios colonos. Esses tinham geralmente uma formação um pouco melhor que os outros colonos ou então eram pessoas para as quais o pesado trabalho do campo era insuportável. O professor tinha direito à moradia gratuita, sendo que, enquanto se dedicava ao serviço da comunidade, a mulher e filhos⁵ poderiam complementar o salário com a exploração da roça e alguma criação. Quando a comunidade já dispunha de alguma estrutura, também o professor contratado possuía formação mais específica para a função de docente. A eleição do professor ficava a encargo da própria comunidade e de responsabilidade da direção eleita. Reiterado está que:

O professor (...) típico da zona de colonização teuto-brasileira no sul do Brasil (...) é fruto da iniciativa dos imigrantes alemães e seus descendentes na tentativa de estabelecerem-se econômica e culturalmente nas colônias que lhes eram destinadas. Seu surgimento tem raízes na já tradicional preocupação com a questão escolar entre os alemães. A reforma protestante, no século XVI, tornou o saber ler uma questão básica para uma melhor prática religiosa. (...) De modo que os imigrantes já traziam consigo os condicionamentos e as exigências para a alfabetização em massa.⁶

Experiências nas comunidades teutas do Rio Grande do Sul, a respeito da promoção do aperfeiçoamento aos professores, ocorriam através da estimulação do relacionamento entre os docentes no sentido de haver uma melhora nos métodos de ensino. Para tanto, eram realizadas reuniões periódicas, quando se ministravam palestras de orientação pedagógica e principalmente se faziam, o que na época era visto como essencial, aulas demonstrativas. "Cada professor dava uma aula para

³ - LUTTERBECK, 1977, p. 107 apud KREUTZ, Lúcio. *O professor paróquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS; Florianópolis : Ed. da UFSC; Caxias do Sul : EDUSC, 1991, p. 107.

⁴ - KREUTZ, Lúcio. *O professor paróquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS; Florianópolis : Ed. da UFSC; Caxias do Sul : EDUSC, 1991, p. 107. Os depoimentos confirmaram a veracidade da exigência destas competências dos professores em Rio da Luz Vitória.

⁵ - Há de se ressaltar que a docência era uma função exclusivamente masculina na "Escola Alemã" de Rio da Luz Vitória, pelo menos até final da década de trinta, quando, por motivo da perseguição aos professores de língua alemã, uma mulher assume a função de docente na referida comunidade.

⁶ - KREUTZ, Lúcio. Op. cit. Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

uma classe experimental perante seus colegas, os vigários e a diretoria escolar local. Depois, em reunião, se partia para as críticas. Neste sentido, não interessava tanto a titulação e o processo de formação, formal ou não. Cobrava-se resultado concreto, a capacitação real para as funções". Munidos das informações que esta prática fornecia a respeito do professor, bem como, dos resultados alcançados em dia de exame solene e público, quando uma "(...) banca examinadora de três conceituados professores percorriam as escolas da região e examinavam publicamente, na presença da diretoria escolar e de alguns pais de alunos mais interessados, aluno por aluno. Sem um resultado satisfatório o professor não passaria para o segundo ano de magistério".⁷

Esta prática significava para o professor aprovação ou desaprovação pública de sua atividade junto aos alunos, era por isso, cercada de muita expectativa. Isto remete analisar que, diferentemente do país de origem dos primeiros imigrantes, em que os poderes públicos mandavam no professor e mantinham a escola, expectativa essa frustrada no Brasil, a "autoridade do professor não provinha de investidura oficial nem era apoiada por quaisquer dispositivos legais, a comunidade o contratava e o dispensava a seu bel-prazer, deixando-o, não raro, na rua da amargura, de um dia para outro. Joguete de uns tantos caprichos e das disseções porventura surgidas na colônia, não podia exigir sequer a freqüência regular dos alunos às aulas, nem reclamar um mínimo de garantias de estabilidade".⁸

O professor, apesar das suas incumbências exigirem grande dedicação, era mal remunerado. No Rio Grande do Sul, entre as comunidades teuto-brasileiras católicas, ele era considerado como uma extensão do padre e, na ausência deste, presidia o culto, acompanhava os doentes com preces, oficiava exéquias, era iniciado em música para dirigir o coral e o canto na igreja. (...) Ele era responsável pelo repicar do sino nos três "angelus" do dia. Era responsável também pelo zelo dos bens da comunidade (capela, escola, terrenos), árbitro e pacificador de desentendimentos, representação junto às autoridades, promotor cultural no sentido de encaminhar a leitura de jornais, almanaques e revistas, promover apresentação de teatro, enfim, era considerado o secretário natural em todas as entidades e momentos em que houvesse função.⁹

Apesar da grande responsabilidade, nem sempre o professor sobrevivia sem dificuldades. Percebe-se isto, nesta carta endereçada à comunidade de Rio da Luz Victória, expressando o desejo e a condição em ser professor no início do século XX. Esta carta¹⁰ dizia:

⁷ - KREUTZ, Lúcio. *Opcit*, p.121.

⁸ - SCHADEN, Egon. *Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira*. In : I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros. Realizado pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, *ANALIS*, Ed. da UFRGS, 24 a 30 jul 1963.

⁹ - KREUTZ, Lúcio. *Opcit*, p. 79.

¹⁰ - Tradução da carta original de autoria de José Ferreira da Silva - Blumenau/SC. Eimer.

São Bento, 31 de outubro 1914. (Wunderwaldstrasse)

À distinta diretoria da Comunidade escolar de Rio da Luz. Já há alguns dias passados, através de um senhor que encontrei no trem, fiz-lhes saber num bilhete que eu estava pronto a assumir a primeira escola como também a segunda escola que logo ficará vaga como professor. Como tal, quero servir-lhes e posso oferecer bons serviços porque já há quase 25 anos trabalhei como professor e diretor de escolas da colônia, onde lecionei igualmente em escolas católicas e sempre fui bem relacionado com todos. Posso apresentar as melhores recomendações no ensino de leitura, matemática, escrita, ditado, ensino da língua alemã, geografia, português, religião e canto. Mas, não sou músico e não toco nenhum instrumento. Meu último emprego foi como professor até 1º de julho do corrente ano na escola alemã em Mato Preto, onde fiquei por dois anos e meio. Agora só tenho uma pequena escola particular, mas o ganho é muito pouco e gostaria de conseguir logo uma nova escola, o que muito me tornaria feliz. Tenho 56 anos, sou casado e tenho família. Minha esposa é também filha de colonos e já se vê alegre a tratar a terra e poder plantar novamente. No Brasil eu já vivo há 27 anos. Apesar de ser muito difícil para eu conseguir o dinheiro para viajar até ali e apresentar-me pessoalmente à comunidade, tenho a esperança de que esta carta seja o suficiente. Eu prometo empenhar-me o máximo para satisfazer a todos e, as crianças a mim confiadas, também receberão toda atenção de minha parte.

Atenciosamente - Robert Morriesen - professor.

O professor Morriesen nunca chegou a trabalhar na comunidade de Rio da Luz Vitória, apesar de apresentar parte das condições desejadas pelos colonos da época. A respeito disto, uma função muito importante, assinalada como pré-requisito para admissão, também ressaltada pelo professor Morriesen, era a direção do canto comunitário, especialmente o litúrgico, registrado, principalmente, nas comunidades alemãs católicas do Rio Grande do Sul, o que diferia das protestantes, nas quais esta incumbência era do pastor. Entretanto, em ambas as comunidades, e em geral nas de descendência alemã, o professor devia, pela sua formação musical e pela sua posição de autoridade, dirigir corais e realizar coisas úteis, construtivas e não raro artísticas.¹¹

A comprovação clara em favor da importância da formação musical dos professores encontra-se no currículo da Escola Normal de Hamburgo Velho. Ali a formação musical tinha uma carga horária maior que qualquer das outras disciplinas e incluía ensaios de canto em grupo, o aprendizado de instrumento musical (violino e/ou harmônio), regência de coral, teoria musical. Além de seis horas semanais de teoria musical, os futuros professores tinham treinamento diário para o aprendizado de harmônio ou violino e para a regência do canto em coral ou comunitário. A importância que a Escola Normal atribuía à formação musical correspondia ao valor que lhe era dado na prática junto às comunidades rurais.¹²

¹¹ - KREUTZ, Lúcio. Op. Cit. p. 106.

¹² - KREUTZ, Lúcio. Op. Cit. p. 106.

Demonstrado está, que os professores alemães e teuto-brasileiros necessitavam conhecer bem a comunidade local para serem depositários da confiança dos pais dos alunos. Os pais, por sua vez, providenciavam o essencial para o bem-estar do professor, edificando casa para moradia, pasto para os animais e espaço para o plantio da lavoura. Tudo isto, porque a locomoção para os rincões não era uma tarefa de fácil empreendimento. As estradas apresentavam terríveis condições e os meios de transporte lentos impediam o acesso rápido.

Em seus primeiros quatro anos de fundação não há nenhum registro sobre quem assumira a função de professor em Rio da Luz Victória. Nos anos seguintes é possível precisar o nome dos professores, porque a partir da adesão à Associação das Escolas Alemãs para Santa Catarina (Deutscher Schulverein für Santa Catarina), a escola passa a contar com subvenção da Alemanha.

As escolas estrangeiras eram mantidas com contribuições da comunidade, embora freqüentemente os colonos fossem avaros nesse sentido, verdadeiramente por não terem, em seu país de origem, conhecido esse padrão de comportamento. Essas escolas recebiam ainda a colaboração do município e também auxílio de países estrangeiros, através dos consulados.¹³

Para receber este auxílio, necessitavam preencher um formulário anual, fornecendo dados do ano escolar anterior. A sistematização dos trabalhos burocráticos via formulários, organiza dados do ano de 1909 até 1916, principalmente no que se refere aos docentes que trabalharam nesta escola.

De 1909 a 1916 foram professores da "Escola Alemã" em Rio da Luz Victória:

Wilhelm Schulz: professor durante os anos de 1907 e 1908. Formação: autodidata. Ganho mensal: 30 marcos. Carga horária semanal: 24 horas.

Fritz Asendorf: professor em 1909 e 1910. Formação: autodidata. Ganho mensal: 50 marcos. Carga horária semanal: 24 horas. Consta ainda que era evangélico, de nacionalidade alemã e tinha 38 anos.

Otto Winter: professor de 1911 até 1913. Formação: autodidata. Ganho mensal: 50 marcos. Carga horária semanal: 24 horas. De nacionalidade alemã, evangélico e tinha 52 anos.

Heinrich Schmitz: professor em 1914 até 1916. Formação: preparado para exercer a função de professor com orientação no Brasil. Ganho mensal: 80 marcos. Carga horária semanal: 24 horas. De nacionalidade alemã e tinha 21 anos.

O professor Schmitz é um caso à parte nesta comunidade. Com apenas 21 anos e de nacionalidade alemã, foi considerado um dos mais severos professores¹⁴.

¹³ - FIORI, Neide Almeida. Op. Cit. p. 101.

¹⁴ - Consta na entrevista com o Sr Bertoldo Lindemann (80 anos), em 15/07/1998, que seu irmão mais velho, fora aluno do

Constantemente houve atritos entre ele e alguns membros da comunidade. Este professor também é o último a arquivar a documentação da subvenção, que a escola recebia da Alemanha, via consulado em Joinville.

A "Escola Alemã" de Rio da Luz Victória garantia o compromisso de trabalho dos professores por intermédio de um contrato, que estabelecia os deveres e direitos de ambas as partes. Este contrato era renovado sempre que o professor tivesse feito um bom trabalho. É o caso do professor Heinrich Schmitz, que cumpriu estágio probatório por três meses. Após este período, assume a escola de 1º de junho de 1914 até 31 de maio de 1915, com um ordenado mensal de 50\$000. No ano seguinte, este professor tem seu contrato renovado. Passado um ano, pede demissão, deixando em ata o seguinte comentário: "*Devido às constantes difamações e demonstrações de ódio por parte de alguns associados da comunidade que têm como objetivo me diminuir em minha honra como professor e querer cortar a minha subvenção a que tenho direito por lei, me vejo obrigado na data de hoje pedir a minha demissão e sob as combinadas condições...*"¹⁵

Os professores subseqüentes foram pesquisados nas atas das assembleias dos associados da "Sociedade Escolar", em correspondências avulsas e na memória das pessoas mais idosas da comunidade, atualmente.

A correspondência de 12/03/1917 revela que o professor Heinrich Schmitz foi substituído por Albert Voigt. A constatação é possível na correspondência que a "Escola Alemã" de Rio da Luz Victória recebeu da localidade de Badenfurt, que comunicava à comunidade escolar a aprovação do auxílio financeiro solicitado. O professor Voigt permanece durante os anos de 1917 e 1918, quando assume Friedrich Brandt.

O professor Brandt esteve à frente dos trabalhos como professor em Rio da Luz Victória durante cinco anos. Não faltaram desentendimentos. Um deles refere-se às aulas de religião que se negava a ministrar fora de sua carga horária semanal. Decidido a pedir demissão, é persuadido pela diretoria a permanecer, visto as desavenças restringirem-se somente ao caso das aulas de religião. A comunidade resolve aumentar seu salário de 85 mil réis para 90, o que o convence a ficar. As providências denotam que:

O elemento dinamizador responsável pela criação e pela manutenção de uma escola era, em todos os sentidos, a associação escolar. Em princípio, todos os colonos de uma determinada comunidade eram sócios. Entre eles se escolhia a diretoria da associação (Schulvorstand). A essa diretoria cabia a responsabilidade direta de conservação, ampliação ou alienação do patrimônio físico da escola. A tarefa mais importante consistia, entretanto, em contratar o professor, acompanhar seu

¹⁵ - Correspondência enviada pelo professor Heinrich Schmitz à diretoria da escola em 1º de outubro de 1916. Tradução de Edna Maria de Souza para o documento original em posse da autora.

*desempenho, cuidar de garantir-lhe uma remuneração adequada e providenciar sua remoção, demissão ou substituição em caso de ineficiência ou má conduta*¹⁶.

No dia 8 de outubro do ano de 1924 assumia a escola o professor Adalbert Haffner, que permaneceu à frente dos trabalhos até 1925 quando Christian Weckwert, de sessenta anos mais ou menos, passou a dirigir a escola. Deste professor há reminiscências e estas puderam ser colhidas de seus próprios ex-alunos. Consta que o professor Weckwert era músico. Tinha grande paixão por festas infantis e apresentações artísticas. Preparava seus alunos com muita dedicação e nisto envolvia suas próprias filhas que haviam herdado o talento do pai, quando não o superavam. Em entrevista, um de seus ex-alunos recordou:

*Festa infantil, esta me lembro que participei. Então o professor Weckwert estava aqui como professor. Disso eu me lembro. Lá havia um pau de sebo. Você sabe o que é isso? As crianças tentavam subir. Ai o professor dizia: "Riber liber die Cats, wer das guevent, der hats", disso eu me recordo hoje ainda. Esse professor era muito bom, não era tão bravo. ... o professor Weckwert (...) ele era muito inteligente nessas coisas. Ele inclusive ensaiava teatros. Cantar, marchar... Sim, eu me lembro de uma destas festas lá no salão do Mathias. O professor Weckwert tinha moças grandes, elas sabiam cantar melhor que o pai.*¹⁷

Estima-se que o substituto de Christian Weckwert, Hermann Emke, tenha encerrado o rol de professores do sexo masculino logo no início da década de trinta. Nesta época, a contratação de professores estava a cargo dos próprios representantes da escola local. O acordo para a vinda do professor Emke para a "Escola Alemã de Rio da Luz Victória foi lembrado no seguinte depoimento:

*... os mais velhos disseram: "- Assim as coisas não podem continuar". Decidiram então sair à procura de um professor. Um professor assim como ... porque foi desse jeito que eles contrataram o professor Emke. Porque o Sendner era um tratante. Ai eles foram até o outro lado e ... eu não sei, acho que foi o opa Hornburg, o Arthur Hornburg, meu pai. Foram até o outro lado de carroça e ai eles voltaram no domingo à noite e o velho Erwin logo disse: "- Bem, meninos, agora terá aula novamente". Ai nós tivemos que ir lá na escola, arrumamos tudo, porque o capim já entrava pelas janelas. O pasto foi limpo, porque o professor tinha criação de vacas, tinha dois cavalos. Foi tudo preparado e de repente veio o caminhão com a mudança do professor.*¹⁸

Depois de Hermann Emke, a docente substituta foi Alvina Karsten. Ao contrário de seus antecessores, tratava-se de uma jovem solteira, que não chegou a

¹⁶ - RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária terto-brasileira católica*. São Leopoldo : UNISINOS, 1994, p. 96.

¹⁷ - Depoimento de Bertoldo Lindemann, concedido em 15 de julho de 1998, em poder da autora.

¹⁸ - Depoimento de Vic... Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

morar na residência construída para o professor. Hospedou-se na casa comercial local. Não ficou muito tempo. Talvez um ano. Segundo depoimentos de ex-alunos, nesta época permitia-se o máximo de uma vez por semana aula em língua alemã, o que denota a intimidade que a professora Alvina tinha com a língua portuguesa, já na década de trinta.

É evidente que nas circunstâncias do tempo e de acordo com as características e condições locais, o êxito do ensino da língua permanecia muito aquém do ideal proposto. Na maioria das comunidades, além do professor (...) não havia ninguém que soubesse o mínimo desejável de português. Apesar da boa vontade dos adultos e das crianças, o clima reinante em nada favorecia o aprendizado da língua do país. A língua do ensino e da comunicação quotidiana era, exclusivamente, o alemão. O português em raras oportunidades transpunha os limites restritos das quatro paredes da escola. Compreende-se assim que os resultados devem ter sido poucos. Concluir, porém, desta realidade uma falta de interesse ou mesmo de resistência consciente ao português e tudo o que representava, significa desconhecimento total da índole prática do imigrante. Representa também uma flagrante injustiça¹⁹.

A professora Alvina Karsten exerceu por pouco tempo seu ministério em Rio da Luz Victória e devido a isso, durante um longo período a escola ficou sem professor, visto a cobrança acirrada do governo catarinense no preparo dos professores de língua alemã ao ministrarem as aulas em português. Estava próximo o desaparecimento da escola alemã desta comunidade.

A escola de Rio da Luz Victória, após a saída da professora Alvina Karsten,²⁰ calcula-se em meados de 1936, não registrou mais a contratação de professor de língua alemã.²¹ Percebe-se que a presença da professora Alvina já denunciava a política do Governo do Estado em pressionar as escolas rurais localizadas em zonas de descendência estrangeira de contarem com professores com bom domínio da língua portuguesa. Não se ignora que em 1935 ainda a nacionalização estava sob a égide da filosofia de Orestes Guimarães, educador que idealizava este intento de forma lenta e gradual. Dessa forma, somente a partir de 1938 e 1939 as medidas tornaram-se severas.

¹⁹ - RAMBO, Arthur B. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994, p. 96.

²⁰ - Nenhum morador sabe relatar a causa da professora Alvina Karsten permanecer por tão pouco tempo na escola da comunidade de Rio da Luz Victória. Segundo os documentos cedidos por sua filha, em 11 de novembro de 1936 já estava designada para a escola de Rio Vermelho, no município de São Bento do Sul.

²¹ - Em entrevista com o senhor Victor Hornburg, ele nos relatou que muito pouco se ensinava em alemão. Ele menciona que nas quartas-feiras ainda estudavam em língua alemã. Antes da professora Alvina Karsten, o professor Emke ministrava a maioria das aulas em língua alemã. Este professor tinha sido contratado em P...

Desde que a escola passou a existir em Rio da Luz Vitória, esteve sob a regência de professores que tinham algumas características em comum: a rigidez no manejo da classe, a observância dos costumes locais e sua perpetuação, a consideração com os anseios dos ideais de educação da comunidade, o comprometimento com o sucesso de todos os alunos, a seriedade no trato dos documentos referentes à escola, a dedicação e o empenho no cumprimento do que era selado nos contratos de trabalho e principalmente, a responsabilidade com a formação integral do cidadão ainda pequeno da comunidade. Pressupõe-se que as diretorias responsáveis pelos trabalhos nesta escola, tivessem algum domínio sobre o processo pedagógico, talvez com muito mais propriedade do que a maioria de pais atualmente. Por outro lado, também acreditamos que isto pode não ter sido uma constante e por isso, professores incapacitados fossem contratados. Para estes, só havia dois momentos: o de vir e o de partir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AQUINO, Ivo d'. *Nacionalização do ensino – aspectos políticos*. 2. ed. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1942.
- DEUTSCHE SCHULE IN RIBEIRÃO DA LUZ VICTÓRIA, Jaraguá do Sul. *Generalversammlung*, 1910 - 1927. Livro 1, p. 5 - 73.
- FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público : ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. 2. ed. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1991.
- HORNBURG, Victor. *Entrevista*. Jaraguá do Sul, 28 jul.1998.
- KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial : magistério e imigração alemã*. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS; Florianópolis : Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUSC, 1991, p. 106.
- LINDEMANN, Bertoldo. *Entrevista*. Jaraguá do Sul. 15 jul. 1998.
- RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira* In : I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros. Realizado pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, *ANALIS*, Ed. da UFRGS, 24 a 30 jul 1963.

A juventude dos anos 30

GRETE
MEDEIROS*



Muitas vezes fui indagada por jovens de hoje como viviam e se divertiam os jovens do meu tempo, nos anos trinta, sem discotecas e danceterias com muitas luzes e decibéis.

Bem, uma coisa é certa. Os divertimentos eram muito diferentes de hoje, de um modo simples e saudável.

Uma menina moça, naquele tempo não tinha como continuar os estudos e assim para muitas terminava o estudo. O Colégio Sagrada Família e a Escola Estadual Luiz Delfino mantinham o curso “Complementar” de 3 anos que dava direito a um diploma de professora. É preciso dizer que este curso era muito bom. Dei-me conta disto quando acompanhei o estudo de meus filhos no ginásio. Para os rapazes há muitos anos já havia o ginásio, mas era vetado às meninas.

Assim sobrava muito tempo para as mocinhas. Trabalhar fora de casa, nem pensar, somente ser professora.

Preenchíamos o tempo com outras ocupações como estudar piano, pintura e trabalhos manuais.

O Colégio Sagrada Família oferecia estes cursos e fora do colégio havia professoras de piano como Dona Netinha Braga, as senhoritas Schaefer e a Dona Jutti Baumgarten na rua das Palmeiras. Todas boas pianistas.

Para pintura e desenho, fora do colégio, ensinava a conhecida “Frau Werner”. Durante algum tempo trabalhou com ela um pintor húngaro chamado Uwarow. As aulas deste artista eram muito proveitosas.

Dava-se muito valor aos trabalhos manuais tais como costura e bordados. Novamente o Colégio Sagrada Família estava presente. As freiras ensinavam crochê, tricô e outros trabalhos. Dona Eugênia Miguéis durante muitos anos vestia a alta sociedade blumenauense. Era a costureira. Junto ao seu atelier, Dona Eugênia ensinava o que ela fazia de bom: a costura. Era muito comum a

costureira ir costurar nas casas das famílias. Muito prático para um tempo em que se desconhecia confecções e muito menos roupas íntimas.

Sapatos? Possuíamos boas lojas de calçados como a “Casa Favorita” do Sr. Pawloski, os Irmãos Bernhard e para confecções de sapatos especiais a “Casa Vetterle”.

Tecidos? Muitas lojas com o mais diversos tecidos. A mais antiga de que eu me lembro era do Sr. Joca Borba. Eu era então uma garotinha de poucos anos.

Famosa ficou a “Casa Peiter”, não querendo desmerecer as outras que eram bem procuradas.

Os tecidos para vestidos que se usavam na época eram de linho, cambraia de linho, tule, tafetá, organdi, cetim, crepe georgete, crepe da China e a famosa “cassa” suíça. Os tecidos brasileiros estavam evoluindo e com o “Indantren” nas fábricas, melhoraram muito.

Até então, corria-se sempre o risco de manchar o pano ou descorá-lo nas lavagens. Foi um grande avanço!

A moda era bem feminina! Muito plisse, godê, babados, rendas, flores, etc.

Chapéu era quase indispensável, usava-se em todas as ocasiões. O Sr. Luiz Rieschbieter e Dona Nair Braga, com suas chapelarias se encarregam de criar modas novas. As luvas só eram usadas acompanhadas de chapéus. Apareceram as boinas que vieram para ficar.

Para os rapazes a moda era simples. Usavam muito terno com gravata. No verão, linho branco ou brim, no inverno, casimira. Como roupa de gala: calça listrada e paletó marengo. O chapéu de feltro ou a palheta não podiam faltar. Os homens daquela época, andavam muito à pé e estavam prevenidos para dias de chuva. Casaco, ou melhor, capa de gabardina (impermeável) e chapéu de aba longa também de gabardina e nos pés, galocha. O hoje tão popular tênis, nem pensar. Era usado apenas para fazer ginástica, e existiam somente duas cores, branco e marrom.

Como cuidar dos cabelos, hoje ainda é o capricho e orgulho das meninas e mulheres em geral. Aos poucos foram aparecendo salões de beleza. Creio que um dos mais antigos era o do Sr. Willy Fischer. Mantinha ele, no alto da rua 15, uma barbearia e ao lado um salão para mulheres. O primeiro “unissex” tão comum hoje, mas as duas partes devidamente separadas. Nestes anos apareceu a ondulação permanente. Bem mais complicada que hoje. Um aparelho enorme, era ligado na energia elétrica e o líquido usado nos cabelos tinha um cheiro penetrante que levava vários dias para desaparecer. O Sr. Fischer era mestre em ondulação a ferro quente.

O salão da “Frau Kapp” também marcou época. Lá havia uma manicura que trabalhava com alicate e esmalte de unha. Lembro do primeiro esmalte, chamava “Gabi”. Até então só se aparava as unhas e se lustrava com um pó rosado e

um pedaço de camurça. As senhoras, para esconder os cabelos brancos, usavam a “Loção Brilhante” e “Iracema” em forma de Shampoo. As louras clareavam o cabelo com um cozimento de camomila ou então água oxigenada.

As revistas dos anos trinta eram “Vida Doméstica”, “Fon-fon”, “Cena muda” e “Cinearte”. Nesta última lia-se tudo sobre cinema. Uma revista muito interessante era: “Eu sei tudo”, uma espécie de “Seleções” de hoje.

Para os baixinhos tínhamos o “Tico-tico”, seria o “Tio Patinhas” de hoje. Leitura para menina moça: “Coleção das Moças”, que continha inúmeros romances.

Vamos chegar agora às diversões. Não tínhamos danceterias e discotecas, mas posso garantir que nos divertíamos prá valer. Muito cooperava para isto o “Clube Náutico América”. Todos os domingos, à tarde este clube nos proporcionava uma domingueira com música ao vivo.

Os músicos eram rapazes da terra, todos amigos da gente. Muito conhecidos os irmãos Schaefer, viviam “para” música e não “pela” música, que é bem diferente. Eles tocavam com prazer. A mocidade dançava mesmo! O salão estava sempre cheio de dançarinos incansáveis. A festa começava às duas horas da tarde e terminava às dezoito horas. Das oito horas às dez tinha a soirée dominical.

Todos gostavam de dançar. As meninas ocupavam os seus lugares e os rapazes chegavam a elas para “tirá-las” para dançar. A menina que não era convidada para dança estava “fazendo prego” e isto ninguém gostava.

Os ritmos eram os mais diversos: Marchinha, samba, fox-trot, valsa e a novíssima rancheira vinda de Terras Gaúchas com “Mate Amargo”.

Festinhas caseiras também aconteciam com frequência. Entre amigas festejavam-se os aniversários com muitos discos e vitrola, aquela de dar corda, que aliás, fazia parte de qualquer reunião.

O “Clube Náutico América” organizava nas datas festivas muitos bailes de gala por ano. O traje era sempre longo.

Muitos namoros começavam nestas ocasiões. O olhar à distância, olho no olho, se chamava “tirar linha”. Era o flerte, daí para o namoro era só um passinho.

Também os piqueniques eram muito apreciados. Era só escolher a turma e o lugar e já saía o passeio. Algumas pessoas talvez se lembrem do “Wolfschlucht”, na Itoupava Seca. No meio do bosque havia uma pista de dança e um pequeno barzinho para preparar o lanche. A vitrola, claro, não podia faltar.

Fica bem claro aqui, a mocidade de nossa época não precisava de bebida alcoólica e muito menos tóxicos para se divertir. Havia muita alegria e brincadeiras.

Em 1933, um grupo de moças, encabeçado por Maria Luiza Balsini fundou o Grêmio das Glicínias. Este grupo organizava bailes. O primeiro evento deu-se no mês de outubro no salão dos “Atiradores”. Nas reuniões escolhiam o nome, o local e os trajes que deviam obedecer à mesma linha. Eram confeccionados os

enfeites para a decoração do salão. Era talvez a parte mais divertida. Foram bailes muito bonitos que deixaram saudades. O primeiro realizou-se nos salões dos “Atiradores” e foi aberto com uma emocionante homenagem às meninas-moças do Juiz de Direito, Dr. Amadeu da Luz.

Saudades que ficaram ... mas digo, feliz é quem tem saudades boas para sentir!



Baile das Glicínias Clube Náutico América – Outubro/1933

Frente – esquerda para direita: Grete Baumgarten (Medeiros); Etelvina da Luz; Renate Feddersen; Carmen Onkel; Amili Becker; Erica Lippel; Tida Silveira.

- Raridades
- Filosofia
- Um serrano se autobiografa

TEXTO:

ENÉAS
ATHANÁZIO*



Meu amigo Pedro Ingo, desses *ratos* de livrarias e sebos, com freqüência descobre raridades com as quais me brinda. Dentre elas, a mais recente foi o livro “Na Ilha de John Bull”, de autoria de Herman Lima, publicado pela José Olympio, em 1941. Trata-se de um livro de viagens, gênero dos mais lidos em todo o mundo, em que o autor descreve suas impressões sobre a Inglaterra, em especial sobre Londres, o que viu e observou na sua permanência por lá como funcionário da Delegacia do Tesouro Nacional. Embora seja um livro antigo, publicado há quase 60 anos, foi uma leitura fascinante por vários motivos, mesmo porque – como enfatizam os ingleses – as coisas mudam mas a Inglaterra é a mesma.

Ficcionista, ensaísta e crítico de artes, Herman de Castro Lima (1897/1981), como tantos outros escritores brasileiros, está esquecido. Num esforço para tirá-lo do ostracismo, a Confraria dos Bibliófilos do Brasil fez uma edição de luxo de seus contos selecionados. No entanto, Herman Lima foi um erudito, um estilista e um fino observador, como “Na Ilha de John Bull” reafirma a cada página.

Nesse livro, escrito com extremos de cuidado e visível prazer (sua composição durou três anos), o autor elaborou um retrato perfeito e acabado da Inglaterra naquilo que ela tem de comum e de exótico, de belo e de feio, de bom e de mau, de alegre e de triste. Sem esquecer jamais o comportamento do povo e sua decantada *fleuma*. E a cada passo, por este ou aquele motivo, entram na narrativa o Brasil, suas coisas e sua gente.

* Escritor e Advogado.

Dentre os inúmeros pontos abordados, destacam-se a visão panorâmica de Londres, seus jardins e parques relvados como campos de futebol, a onipresença do Tâmis, os edifícios, castelos, torres e pontes, o Hyde Park e sua “esquina dos discursos”, de cuja tribuna tudo pode ser dito, exceto atacar a rainha, o “fog” e suas variações, a fascinação pelos fantasmas, as leituras, livros, revistas, jornais e a arte livreira mais perfeita do planeta, o humor característico e mil outros aspectos. Escrito durante a guerra, um capítulo final registra as incríveis reações do governo e do povo diante do avanço nazista e sua convicção de que, no fim, o Império Britânico venceria.

Como se vê dessas simples notas, é um livro curioso que me proporcionou agradáveis momentos de leitura e informações sem conta sobre John Bull, sua ilha e seus mistérios. Valeu, amigo Pedro Ingo.

Filosofia

João Alfredo Medeiros Vieira é um escritor catarinense cuja obra se espalha pelo Direito, pela Filosofia, Psicologia, Literatura e Filologia, enfrentando com decisão os mais complexos temas. É autor da célebre “A Prece de Um Juiz”, com múltiplas edições em português e traduções para 41 línguas. Creio que é o texto mais conhecido de autor catarinense contemporâneo. Publicou em 1998 o volume “Notas sobre a História da Filosofia em Santa Catarina” (Ledix – Livraria Editora Xavier – Florianópolis), indicada como a segunda edição, revista e ampliada, de obra publicada em 1955, embora me pareça muito mais que isso, tantos foram os acréscimos que fizeram dela uma obra nova, mais rica e abrangente.

O livro é um levantamento e um balanço da Filosofia em nosso Estado, o que já diz do arrojo do autor para palmilhar tão espinhoso caminho. Nesse aspecto, penso que é o primeiro e único no gênero, por isso indispensável a quem se interessa pelo assunto. Nele o autor estuda os filósofos, tanto aqueles que o são ou foram em sentido estrito, como aqueles que incursionaram na Filosofia de forma esporádica. Analisa e discute a obra e o pensamento de cada um, ressaltando suas contribuições. Como se vê, um trabalho exaustivo de pesquisa e pensamento. Bem disse Arnaldo Niskier que nosso Estado “merecia uma obra desse relevo.”

O livro começa abordando o positivismo, o evolucionismo, o neotomismo e outras correntes, bem como os respectivos expoentes, e a síntese

do pensamento de cada um. Surgem, então, numerosos nomes, muito mais do que se poderia imaginar, vários deles bem conhecidos pela atuação em outras áreas, e na maioria padres. Aborda, em seguida, os protofilósofos do Vale do Itajaí, esboça um panorama dos anos 60 e 70, as publicações dos novos filósofos que iniciaram nova época na Filosofia do Estado e uma comparação desta com a dos Estados vizinhos. Contém ainda uma síntese da vida/obra de Santo Agostinho de Tagaste, o “Santo da Inteligência”, que é um dos altos momentos do livro, comentários sobre o ensino da Filosofia nas escolas, *fiapos* do pensamento filosófico e bibliografia, fechando-se com os “Diálogos e Triálogos Filosóficos”, páginas de leitura viva e estimulante. Não poderia estar ausente, é claro, “A Prece de um Juiz.”

Conclui-se, pois, que se trata de um livro rico em informação e conteúdo, revelando um autor erudito e de pensamento atilado. Mostra ao leitor um aspecto da cultura catarinense pouco conhecido, quando não ignorado. Merece atenção conscienciosa do público leitor.

Um serrano se autobiografa

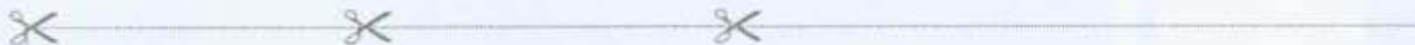
“Gavião de Penacho – Memórias de um Serrano”, de Enedino Batista Ribeiro, é o volumoso livro que acaba de ser publicado em coedição pelo IHGSC e Assembléia Legislativa (Florianópolis/1999).

Como indica o título, o volume reúne as memórias do autor, homem de múltiplas atividades e que cheguei a conhecer nos meus tempos de Faculdade. Gavião de Penacho, ave de rapina que foi comum no Planalto, simboliza o homem serrano em sua altivez e independência. Era o pseudônimo usado pelo autor em suas colaborações e polêmicas jornalísticas.

Escrito com simplicidade e de forma direta, o livro tem como pano de fundo a região serrana no período abordado, revelando um autor minucioso e preocupado com os detalhes de sua vida e dos que o cercam, o que faz de sua obra uma fonte auxiliar para estudos biográficos e históricos. Tem passagens curiosas e narrativas interessantes, bem reveladoras do caráter daquele povo. Aproxima-se mais da autobiografia, ligada à História, que das memórias, afetas à Literatura. É o primeiro volume da chamada Coleção Catariniana.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2000 (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XLI
Junho de 2000 - N° 06



L projetada pelo arquiteto da Colônia Blumenau, Heinrich Krohberger. A pedra fundamental foi lançada em 1868 e a obra, festivamente inaugurada em 23 de setembro de 1877.

No período de 1927 a 1929 o arquiteto Franz von Knoblauch foi o responsável pela construção de uma pequena torre, que realçou ainda mais a beleza de sua arquitetura.

Hoje, a Igreja Centro da Comunidade Evangélica conserva em seu estilo neo-gótico as linhas principais traçadas pelos seus idealizadores. A presença marcante das formas ogivais nas fachadas e nos portais revela um belíssimo exemplo das tendências góticas dos séculos XIII e XIV, renovadas com todo o requinte e bom gosto do século XIX.

